

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

**O PROFESSOR PROMOTOR E GESTOR DE AMBIENTES DE
APRENDIZAGEM**

Carla Luz Simões Pilré

Relatório Final realizado no âmbito da Área da Prática de Ensino

Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do

Ensino Básico

Orientadora – Mestre Maria Teresa Macara

Lisboa

Julho de 2013

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer:

A todas as Educadoras, com quem realizei o estágio, aos/às professores/as do 1º ciclo, em particular ao Professor Rui Santos, cuja orientação se revelou essencial para que o ano letivo de 2012/2013 se assumisse como/tornasse uma etapa de extraordinário crescimento profissional.

À orientadora de estágio Professora Doutora Rosa Helena Nogueira, que acompanhou os meus primeiros passos ajudando-me a superar as primeiras dificuldades com que eventualmente me poderia deparar e que tão bem soube direcionar-me no sentido de me manter nos objetivos previstos.

À orientadora deste relatório, a Professora Doutora Maria Teresa Macara, pela ajuda e acompanhamento do trabalho desenvolvido, pelo seu saber, dedicação norteando-me atenta e simpaticamente, sempre que foi necessário.

À Professora Luísa Toscano que tão gentilmente, se mostrou disponível para ler este relatório, reformulando o que foi necessário.

Às minhas colegas de estágio, cuja presença e apoio possibilitaram a constante troca de ideias. Graças a elas, foi possível transformar esta fase de aprendizagem numa experiência extremamente aprazível e enriquecedora do ponto de vista profissional e sobretudo humano.

Aos alunos que foram a razão da minha investigação e sem os quais não teria sido possível.

Aos meus pais e filhos, que sempre me incentivaram a lutar pelos meus sonhos, estando constantemente ao meu lado manifestando o seu apoio incondicional.

RESUMO

O Professor Promotor e Gestor de Ambientes de Aprendizagem

Este estudo tem como objetivo relatar o processo de reflexão, aprendizagem e crescimento proporcionados no decurso da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada numa sala de 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, no ano letivo de 2012/2013. Visa ainda aprofundar, investigando, o papel do professor no processo de promoção e gestão do ambiente de aprendizagem em sala de aula, analisando, com um olhar fundamentado na teoria disponível, os dados recolhidos em notas de campo e em reflexões sobre o desenrolar das aulas planificadas, suscitadas respetivamente pelo processo de observação e de lecionação na turma referida, num ambiente cuidado, promotor e motivador das aprendizagens dos alunos.

Palavras-chave: Professor, aprendizagem, ambiente de aprendizagem, clima de sala de aula

SUMMARY

The Professor Promoter and Manager of Learning Environments

This study aims to report the process of reflection, learning and growth provided in the course of Supervised teaching Practice (PES) held in a room of 1st year of 1st cycle of basic education in the academic year 2012/2013. Visa still further, investigating, the teacher's role in the process of promotion and management of the learning environment in the classroom, looking, with a look based on theory available, the data collected in field notes and reflections on the conduct of planned classes, raised respectively by the process of observation and teach in the class referred to in care, promoter and motivator of student learning.

Key words: Teacher, learning, learning environment, classroom climate

Índice

INTRODUÇÃO	- 1 -
CAPÍTULO I – Em Campo	- 7 -
A Instituição	- 7 -
Em sala de aula	- 10 -
A Turma	- 13 -
A Relação Pedagógica	- 15 -
Capítulo II - Enquadramento Teórico	- 18 -
Ensino e aprendizagem no 1º ciclo do Ensino Básico	- 18 -
Ambiente de aprendizagem e clima de sala de aula	- 22 -
Capítulo III – Metodologia.....	- 29 -
O paradigma de investigação	- 29 -
Participantes no estudo.....	- 31 -
A recolha de dados e seus instrumentos.....	- 32 -
As notas de campo	- 33 -
As planificações.....	- 34 -
As técnicas para tratamento dos dados	- 34 -
Inferências	- 35 -
Capítulo IV – O Professor e a Promoção e Gestão do Ambiente de Sala de Aula	- 36 -
Um bom ambiente de aprendizagem	- 37 -
O lugar da criação do ambiente no planeamento do professor.....	- 39 -
Tirar partido do Ambiente criado.....	- 44 -
Ambiente e Interação	- 46 -
Considerações Finais.....	- 61 -
Referências Bibliográficas.....	- 69 -
ANEXOS	I
Anexo I - Notas de Campo.....	I
Anexo II - Planificações.....	IX

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Planta da sala de Aula do 1º A.....	- 12 -
Ilustração 2 - Situação de Aprendizagem	- 36 -
Ilustração 3- Expressão na Aprendizagem	- 42 -
Ilustração 4 - Planificação: animais/ambiente	- 45 -
Ilustração 5 - A Participação dos alunos nas atividades	- 46 -
Ilustração 6 - Planificação: Os seres vivos e o seu ambiente.....	- 47 -
Ilustração 7 - Ambiente de Aprendizagem	- 49 -
Ilustração 8 - Comportamento do professor e processo de aprendizagem do aluno.....	- 51 -
Ilustração 9 - Construção de uma estratégia de ensino.....	- 52 -
Ilustração 10 - Uma estratégia de aprendizagem sobre alimentação saudável (Estudo do Meio e Matemática).....	- 53 -

A motivação dos alunos pelas actividades escolares passa, de forma relevante, pela motivação dos professores, pelo que, se desejamos alunos motivados, necessitamos de professores igualmente motivados e dispostos a motivar os alunos.

(Abreu e Jesus, 1993, p.31)

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo relatar todo o processo de reflexão, aprendizagem e crescimento proporcionados no decurso da Prática de Ensino Supervisionada (PES), numa sala de 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, que teve lugar no ano letivo de 2012/2013, bem como aprofundar, investigando, o papel do professor no processo de promoção e gestão dum ambiente de aprendizagem em sala de aula.

Os objetivos que presidem ao estudo têm a ver com a observação de - usando as palavras de Abreu e Jesus (1993) -, “professores igualmente motivados e dispostos a motivar os alunos” (p.31), com a procura de condições favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem no que se refere ao ambiente em que este se desenvolve, à organização do espaço, dos tempos, do currículo e dos recursos e estratégias que o otimizam.

Começando por me referir à PES, tentarei deixar claras as questões que, ao longo deste estágio, me inquietaram para, com base no que observei na ação do professor em sala de aula, como gestor daquele processo, das estratégias por ele adotadas e por mim experimentadas, para manter os alunos motivados apesar do diferente nível de desenvolvimento e de experiências de vida que transportavam, do cuidado com fatores como o ambiente da sala de aula, a relevância da informação disponível, o volume e a qualidade da informação trabalhada, a capacidade de relativizar os pontos de vista pessoais e a natureza mais ou menos cooperativa das atividades realizadas. A partir desta vivência no campo de estágio e apoiada pela literatura científica já produzida nesta área de estudo, procurarei compreender e destacar os fatores construtores de um ambiente profícuo de aprendizagens múltiplas e do desenvolvimento de competências, numa turma de 1º ano do 1º Ciclo.

A experiência de PES fez-me querer aprofundar como pode ser criado um ambiente estimulante em sala de aula e como o professor gere a atividade dos alunos, num equilíbrio entre direção e mediação da aprendizagem, tendo em conta que o relacionamento entre o aluno e o saber se processa em função das relações específicas que o primeiro estabelece com o segundo, com os outros (incluindo o professor) e com o mundo. De acordo com esta perspetiva e para melhor compreender o processo de ensino-

aprendizagem, pretendo ainda perceber a influência das ações do professor, como promotor e gestor, na criação de um ambiente propício à interação e à aprendizagem ativa.

As sucessivas mudanças pelas quais a escola tem passado ao longo dos últimos anos têm originado alterações em termos da dinâmica da sala de aula. O professor deixou de ser visto como o detentor do saber, como aquele que ensina, e passou a ser considerado como alguém que ajuda a aprender.

Através do recurso às técnicas de observação, analiso ações e comportamentos observados no professor e nos alunos, bem como os resultados da interação entre eles. Tenho como hipótese a verificar se o sucesso de um ensino-aprendizagem desenvolvido entre professores e alunos que comunicam entre si, de modo claro, se as expectativas que existem sobre as aprendizagens a realizar num dado momento e se as possíveis respostas ou comportamentos que os alunos devem dar para as satisfazer, dependem da clareza de objetivos e de ambientes e de tarefas e estratégias que desafiam e facilitam essas tais aprendizagens:

A escolha de objectivos envolve a exploração de conjuntos alternativos de objectivos, de modo deliberado e consciente e, depois, a decisão sobre qual o conjunto mais apropriado para a situação, a tarefa de aprendizagem e os alunos num dado momento temporal. (Ribeiro, 1995 p.89).

Quando se planifica um programa, uma decisão crucial é a de escolher objetivos e descritores do desempenho que os alunos hão-de alcançar, após o processo de ensino em que estão envolvidos. Logo, coloca-se a questão de saber que aprendizagens propor, que conhecimento, que aptidões ou atitudes se desejam que os alunos adquiram e desenvolvam e, no caso em estudo, como promover um ambiente que estimule o desenvolvimento de todas essas competências.

Questões como estas interessam a quem tem de conceber planificações consciente do valor e da justificação das aprendizagens que propõe aos seus alunos. É fundamental que haja equilíbrio entre a quantidade e a qualidade dos objetivos e dos conteúdos a seleccionar. Como nos diz Ribeiro (1995) “ (...) Os objectivos educacionais refletem valores ou concepções acerca do que é importante e desejável.” (p.90).

Neste sentido, ao professor começou a ser exigida uma série de competências, não só técnicas como comunicacionais, com vista a um melhor relacionamento com os seus alunos e a um bom ambiente de aprendizagem, onde os alunos são os protagonistas do processo que ali se desenvolve.

É sabido que o modo como se cria uma relação com os outros depende, em grande parte, do tipo de comunicação estabelecida entre os diferentes interlocutores.

Porque considero a organização da sala e os materiais complementos para uma boa prática pedagógica, é minha intenção debruçar-me sobre eles e a sua importância nas estratégias que terei de utilizar em futuras práticas.

A escolha do tema de estudo – A importância do ambiente que conduz a um clima particular em sala de aula como condição de aprendizagem - conduziu a uma problemática, que resulta da observação enriquecedora da atividade exercida pelo professor responsável de sala. O estudo visa compreender o papel do professor no processo de promoção e gestão dum ambiente estimulante de aprendizagem em sala de aula, colocando as seguintes questões de investigação:

1. O que é um ambiente de aprendizagem e que elementos o constituem?
 - a. estrutura, a organização do espaço físico, do tempo e dos materiais;
 - b. processo, relação pedagógica e estratégias de motivação e “bem-estar”(comunicação/parceria);
- 2 - No planeamento do seu trabalho, que lugar dá o professor à organização de um ambiente de aprendizagem?
- 3 - Como os alunos e o professor tiram partido do ambiente criado?

Para efetuar este estudo utilizo uma metodologia qualitativa, compreensiva, sustentada pela observação descrita em notas de campo, material fotográfico e planificação de atividades destacando as preocupações metodológicas e materiais a utilizar em sala de aula.

Relatar a minha ação enquanto estagiária, reflete e descreve fatos observados, analisando criticamente as minhas opções e posições tomadas, a elaboração das planificações das aulas e as notas de campo redigidas em contexto de sala de aula.

Procuro fazer a articulação da minha prática pedagógica com a fundamentação teórica, focando-me no ambiente promotor, construtivo e dinamizador de ensino/aprendizagem criado e conduzido pelo professor em sala de aula.

. De acordo com as características da turma e as estratégias postas em prática pelo professor para a lecionação de conteúdos na turma, direcionei a observação para questões mais concretas que fossem úteis para o meu progresso como docente. Deste modo, optei por focar a minha atenção em questões relativas ao papel do professor na turma, como construtor, dinamizador num ambiente promotor de aprendizagens. Foi possível assistir a aulas, registando o que via e permitindo-me refletir acerca do papel e das funções do professor.

A opção de restringir o foco da minha observação prendeu-se com aspetos relacionados com a forma como age o professor com o grupo de alunos, realizando aprendizagens significativas, num ambiente que visa favorecer uma participação mais ativa dos alunos, despertando interrogações, problemas, pesquisas, reformulações, sintetizando e usando as sugestões dos alunos pondo-os a pensar e em interação.

Para além de todas as aprendizagens realizadas, a observação revelou-se primordial para a posterior fase de planificação das aulas.

Após o período inicial de observação, que me permitiu conhecer melhor o grupo com o qual viria a trabalhar, optei por focar a minha atenção em questões relativas à minha ação como estagiária, planeamento e operacionalização de tarefas letivas. A fase de preparação e planificação de aulas revelou-se claramente mais fácil, produtiva e apaixonante. Apesar do currículo e da existência de manuais, a não existência de limitações programáticas, tornou a escolha dos temas e objetivos das aulas a lecionar mais complexa. Por outro lado, este processo foi igualmente estimulante, permitindo-me adaptar o tema, as estratégias e cada uma das atividades ao grupo que tinha a meu cargo. Tornou-se um desafio preparar aulas para um grupo de alunos tão estimulados pela própria instituição escolar. Inicialmente, deparei-me com algumas dificuldades na seleção de material e revelou-se difícil definir o tempo necessário para a concretização dos vários momentos da planificação, mas depois, com o tempo, vim a aprender e com a prática tudo se tornou mais

fácil havendo uma eficácia maior, À medida que a minha relação com os alunos se foi desenvolvendo, cresceram as expectativas dos alunos relativamente ao meu trabalho.

A partir de dezembro, comecei então por intercalar as minhas planificações e intervenção em sala de aula, de acordo com o projeto curricular e o planeamento do docente, com a atuação do próprio professor. Tive de me focar na preparação e apresentação de atividades estruturadas e dinâmicas onde os alunos pudessem aprender de forma significativa e experienciarem as situações e os materiais, para melhor poderem fazer conexões com o seu currículo oculto, com as trajetórias de aprendizagem individuais e situarem-se em relação a si, aos outros e ao conhecimento do mundo. Neste processo, foquei a minha atenção na construção de ambientes organizados que enquadrassem e promovessem os processos em desenvolvimento na sala de aula, que é a temática do estudo.

Este Relatório organiza-se da seguinte maneira:

Na Introdução, procurei evidenciar a emergência do tema de estudo a partir da Prática de Ensino Supervisionada.

No Capítulo I – O campo de observação e ação na PES, procurando relatar a experiência no contexto onde se realizou.

Capítulo II - Enquadramento teórico, onde se fundamentam os conceitos e caminhos do estudo, a partir de autores que esclarecem questões sobre o tema de como é possível proporcionar um ambiente promotor de aprendizagens através de um conjunto de elementos físicos, materiais e relacionais.

Capítulo III – Metodologia, descrevendo o caminho da pesquisa e os meios (técnicas e instrumentos) que permitem recolher dados empíricos que sirvam à resposta ao problema que se coloca, bem como notas de campo e planificações que serviram para esta investigação.

Capítulo IV – Promoção e gestão do ambiente de sala de aula. O professor. Neste capítulo correlacionei os dados recolhidos com a teoria disponível de modo a tornar claro o percurso de resposta à problemática e às questões que nos orientaram.

Capítulo V – Nas Considerações Finais, apresento uma síntese do trabalho, respondendo às questões de investigação e possíveis pistas que se possam vir a seguir.

CAPITULO I – Em Campo ...

O processo da Prática de Ensino Supervisionada (PES), como um importante desafio, foi uma oportunidade única para lidar com a realidade, uma vez que ainda só tinha experiência em sala do pré-escolar. Desde logo pareceram-me óbvias as enormes vantagens da minha inserção no contexto escolar de 1º ciclo para o meu crescimento profissional.

A Instituição

A PES em 1º ciclo teve lugar na Fundação para o Desenvolvimento Comunitário de Alverca (CEBI), também designada por Colégio José Álvaro Vidal, com atividade desenvolvida desde 1968. Trata-se de uma instituição particular de solidariedade social, sem fins lucrativos, dirigindo a sua atividade para crianças, jovens, idosos e famílias, com particular atenção aos mais desfavorecidos. Constituída Fundação de utilidade pública em 1995, várias entidades juntaram-se aos membros iniciais, suportes de relevo para o desenvolvimento da Instituição, integrando a Assembleia de Fundadores, a Associação Liga de Amigos do CEBI, a Companhia Geral de Crédito Predial Português, S.A. Integrada por fusão no Banco Santander Totta e a OGMA – Indústria Aeronáutica de Portugal, S.A

Sedeada em Alverca, no Concelho de Vila Franca de Xira, onde iniciou as suas atividades em 1968, fruto da iniciativa e vontade de intervenção de um grupo de cidadãos desta cidade, impulsionadas por José Álvaro Vidal, foi definindo o seu crescimento de acordo com a criação de respostas inovadoras, adequadas e ajustadas a necessidades sociais emergentes.

Ao longo da sua existência tem dado respostas ao combate à exclusão e à pobreza, ao criar uma sociedade mais solidária e inclusiva, fundamentalmente, nos domínios da Educação, da Ação Social e da Saúde.

No que se refere a oferta curricular, oferece diferentes valências. A Creche destina-se ao acolhimento de crianças dos 4 meses aos 2 anos de idade. Os principais objetivos da Creche são: promover o desenvolvimento pessoal e social numa perspetiva de educação para a Cidadania; estimular o desenvolvimento global de cada criança:

adaptação, integração, relação com os outros, autonomia, aspetos de expressão e comunicação, desenvolvimento motor, da visão, audição e linguagem; proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança; incentivar a participação das famílias no processo educativo – projetos e atividades e estabelecer relações de efetiva colaboração com outros agentes educativos da comunidade.

A Creche Familiar é uma resposta alternativa para os pais e encarregados de educação que alicerça os seus objetivos numa estrutura devidamente organizada e coesa, com enquadramento legal específico. A Creche Familiar constituiu-se há mais de duas décadas devido à insuficiência de respostas por parte das instituições do apoio à Primeira Infância. O conceito 'Familiar' associado ao termo 'Creche' surge através da especificidade assumida por esta alternativa, vigorando num contexto mais restrito em termos de número de crianças distribuídas por assistente familiar (quatro por assistente) e espaço envolvente (residências próprias das assistentes). As assistentes familiares que interagem diariamente com as crianças são devidamente selecionadas após um processo criterioso que abrange diversos parâmetros.

O trabalho diário das assistentes familiares assume uma particularidade: é um trabalho baseado na relação criança – assistente – família, sob a supervisão e coordenação da Fundação CEBI, através da coordenadora desta oferta - também ela participante neste processo socioeducativo, dinâmico e simultaneamente interativo. Para além das rotinas diárias referentes à segurança, higiene, sono e alimentação, as crianças realizam atividades próprias ao seu momento de desenvolvimento (linguístico, psicomotor, sócio afetivo, cognitivo, preceptivo).

O Pré-escolar destina-se ao acolhimento de crianças dos 3 aos 5 anos de idade. Os principais objetivos do Pré-escolar são: promover o desenvolvimento pessoal e social numa perspetiva de educação para a Cidadania; estimular o desenvolvimento global de cada criança: adaptação, integração, relação com os outros, autonomia, aspetos de expressão e comunicação, desenvolvimento motor, da visão, audição e linguagem; proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança; incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com outros agentes educativos da comunidade.

O 1º Ciclo, nível de ensino a que se reporta o presente trabalho, tem como objetivo a formação pessoal e académica do aluno. Conta com um corpo docente de

professores que aposta na formação contínua, permitindo um ensino atualizado e de qualidade. A estabilidade docente permite, sempre que possível, manter o mesmo professor ao longo dos quatro anos de escolaridade.

Esta fundação conta, ainda, com um corpo de Auxiliares de Ação Educativa que se encarrega de zelar pelo bem-estar do aluno fora do horário letivo, sempre presentes durante os recreios e refeições e também responsáveis pelo seu encaminhamento para as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's). As AEC's, coordenadas por docentes internos ou externos da área da especialidade, servem de complemento à componente letiva e permitem ocupar os tempos livres do aluno de uma forma lúdica e saudável.

O 2º e 3º Ciclos apresentam como principais objetivos: estimular os jovens na construção dos seus projetos de vida pelo desenvolvimento de atitudes ativas e conscientes perante os problemas que se lhes colocam; proporcionar aos alunos instrumentos ou competências que lhes permitam: i) continuar a aprender; ii) adquirir autonomia na tomada de posição, decisão e ação; iii) melhorar o desempenho nas relações interpessoais e sociais; iv) ampliar o quadro de referências e revelar atitudes progressivamente mais intencionais e v) reflexivas no processo educativo.

São ainda consideradas metodologias fundamentais: privilegiar o diálogo; o recurso à clarificação de objetivos e valores; o questionamento de situações numa perspetiva construtivista para tomadas de decisão e compromisso.

As respetivas mensalidades incluem as refeições prestadas e são calculadas segundo os rendimentos do agregado familiar.

Os funcionários e professores reagiram sempre de forma bastante positiva à presença de estagiários, e a mim em particular por desenvolver minha actividade profissional como Ajudante de Ação Educativa na instituição, mostrando-se atenciosos e disponíveis para ajudar sempre que necessário. Penso que este aspeto favoreceu a minha integração no 1º ciclo.

Por estes motivos, devo concluir que a fase de integração na escola cooperante decorreu da melhor maneira possível, constituindo um ponto motivador e estimulante para o estágio que posteriormente vim a realizar.

Em sala de aula

Ao iniciar a PES foi-me comunicado que seria integrada, numa sala de 1º ano 1ºciclo do Ensino Básico e que o meu estágio seria acompanhado e orientado por um professor e um coordenador. Fui bem recebida por todos elementos deste departamento.

Desde o início, o professor responsável de sala revelou-se bastante disponível e cooperante, acompanhando e apoiando todo o meu estágio ao longo das diferentes fases da PES, (observação e planificação das aulas, implementação das planificações) conduzindo-me à reflexão crítica acerca de temas relacionados com as diferentes áreas curriculares.

A sala de aula onde estive a estagiar é uma sala planeada para aprendizagem, convidando os alunos a envolverem-se em atividades que são interessantes e pedagogicamente válidas. Alguns materiais utilizados proporcionam jogos didáticos e trabalhos diversificados fomentando que as aprendizagens se tornem em momentos inesquecíveis.

A sala ainda contempla um espaço que oferece muitas opções de actividade - experiências, expressão dramática, plástica e musical, leitura, jogos interativos,... (ver Planta), onde os alunos podem deslocar-se de uma atividade para outra como desejarem. Os equipamentos e os suprimentos estão organizados num móvel de fácil acesso. É iluminada pela luz natural, a partir de janelas que ocupam uma das paredes, o que proporciona um ambiente mais natural e evita a exposição demasiada à luz artificial, que nem sempre é benéfica. Nas paredes da sala podem observar-se registos de atividades efetuadas com os alunos nas mais variadas áreas.

De um modo geral a sala de aula é convidativa e acolhedora. Por estar virada à exposição solar, a temperatura interior nos dias de Inverno mais agradável. Nos cantos, convidativos à leitura e às conversas calmas, acontecem momentos de dramatização, de leitura de histórias e de audição de músicas com alguma frequência. Ainda assim, os alunos organizam múltiplas brincadeiras com brinquedos que trazem de casa e, por incrível que pareça, nesse canto, consegue-se assistir a um pequeno jogo de futebol de 3, quando os alunos assim o decidem.

O grande *hall*, bastante espaçoso, serve também para os tempos de brincadeira nos dias menos soalheiros. Nestes dias, sobretudo as meninas conseguem organizar

campeonatos de saltar à corda fazendo contagens crescentes e decrescentes em que também participo. Os rapazes jogam com os Tazos, Bayblades. As crianças conseguem sempre arranjar formas de dividir o espaço para que todos se divirtam durante os tempos de intervalo.

Pela descrição feita pode-se inferir que a sala é bastante espaçosa, proporciona a vista da beleza do ambiente exterior o que lhe confere uma ambiência harmoniosa juntamente com a disposição dos móveis e o desafio dos materiais convidando os alunos a interagirem, brincarem e a trabalharem.

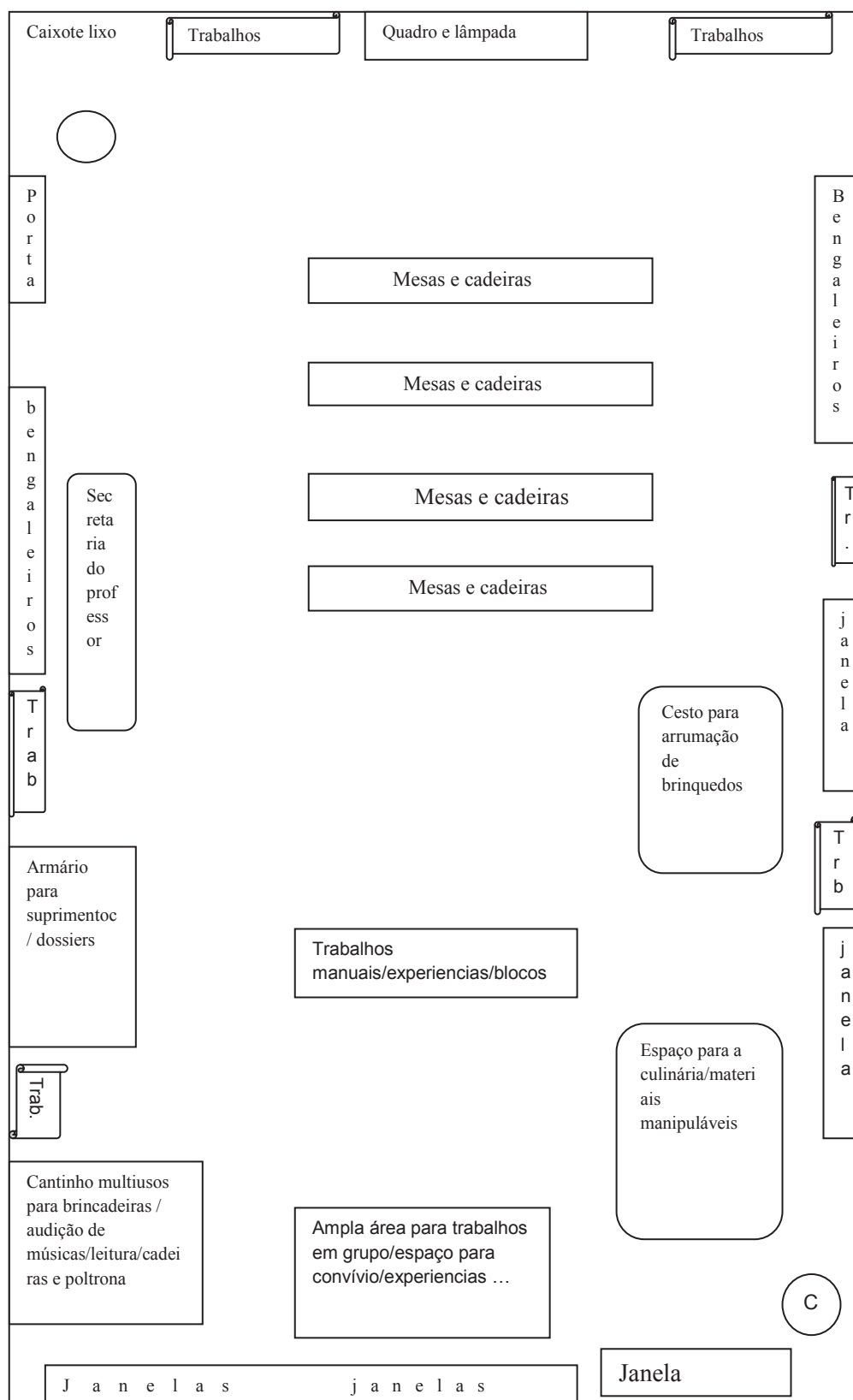
A sala proporciona uma mobilidade boa de forma a poder organizar-se, em dado momento, uma roda no chão para um pequeno jogo, ou mesmo para experiências. O mobiliário adequado ao tamanho dos alunos, permite que estes transportem mesas, cadeiras para qualquer lado. Os cantos estão devidamente equipados para que várias atividades decorram ao mesmo tempo. Os trabalhos realizados pelos alunos vão sendo expostos segundo critérios combinados entre alunos e professor.

Os espaços externos estão adequados para os recreios mesmo em dias de chuva, ou de calor, tendo grandes áreas cobertas.

Fornero & Zabalza (1998), afirmam que “o ambiente «fala», transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes.” (p.233).

De seguida podemos observar em esquema a planta da sala onde realizei estágio, na **Ilustração 1**, da página seguinte:

Ilustração 1 - Planta da sala de Aula do 1º A



A Turma

No período que decorreu entre 26 e 30 de novembro de 2012 procedi à observação na turma A de 1º ano, constituída por vinte e seis alunos, treze dos quais são rapazes e os restantes, raparigas. Todos têm 6 anos feitos até 31 de Dezembro de 2012.

Os alunos são todos de nacionalidade portuguesa, facto favorável à literacia, visto todos falarem a língua materna. Todas as crianças frequentam pela 1ª vez o 1º ano de escolaridade e todos frequentaram o pré-escolar neste estabelecimento de ensino, à exceção duma aluna cuja adaptação ao espaço físico e humano foi igualmente positiva.

As idades dos progenitores destas crianças não são muito dispare e variam entre os 26 e os 40 anos de idade. Trata-se de famílias estruturadas, e têm em média 1 a 2 filhos. Todas as famílias residem na mesma freguesia da escola, com exceção de uma aluna cuja família reside noutra freguesia, mas que frequenta este estabelecimento de ensino por motivos profissionais do seu encarregado de educação. A maioria das famílias vive em casa própria. Em termos socioprofissionais as situações parecem equilibradas.

Vários alunos praticam atividades extracurriculares como: Natação, Xadrez, Formação Musical, Inglês, Judo, Karaté e Futebol. Quase todos os alunos da turma dispõem de computador em casa com ligação à internet. A maioria possui em casa e ao seu dispor livros infantis e jogos didáticos. Uma grande parte dos alunos estuda no quarto e conta com o apoio da mãe ou do pai para o fazer. As brincadeiras favoritas designadas pela maioria dos alunos estão relacionadas com brinquedos manipuláveis e que apelam à criatividade.

A turma caracteriza-se por ser um grupo de crianças com opiniões distintas perante acontecimentos do dia-a-dia, o que faculta bons momentos de discussão sendo bastante participativos nas atividades propostas. Por este mesmo motivo, alguns alunos mais tímidos ganham segurança e expressam-se mais à vontade.

Aos seis anos de idade, a relação entre a escola e o lar é muito importante para a criança, existindo uma partilha de objetos de casa para a escola: brinquedos, flores, livros; e da escola para casa: desenhos, alguns trabalhos elaborados na aula e principalmente o primeiro livro que já consegue ler. A reação dos progenitores tem um valor significativo para ela.

Pelo que tenho vindo a observar, trata-se de uma turma média em termos comportamentais. Só uma pequena parte dos alunos perturba o funcionamento das aulas.

Apesar da criança de seis anos revelar vontade de explorar coisas novas e de querer experimentar, o princípio de uma nova tarefa deixa-a entusiasmada, no entanto no decorrer da mesma surgem as dificuldades que, tendencialmente a podem levar a pensar em desistir. Nesse momento o apoio da professora é fundamental, o que faz com que a criança se entusiasme com a parte final da tarefa, como se do início se tratasse. Apesar de algumas crianças não permitirem uma interferência direta no seu trabalho, têm necessidade de ser orientadas relativamente ao planeamento e execução do mesmo.

No entanto o grande desafio com que se deparam os alunos nesta fase é a aprendizagem da utilização e decodificação dos símbolos na leitura, na escrita e na matemática. Como incessantes faladoras que são, revelam satisfação em expressar-se oralmente quando se encontram em grande grupo, assim como em variar as abordagens do seu aprendizado. Demonstram gostar de identificar e transcrever palavras que o professor escreve no quadro, embora possuam dificuldades em conseguir copiá-las do mesmo.

Exatamente como na leitura, a escrita é acompanhada de um certo nervosismo típico que a criança alivia ao morder o lápis, os cabelos as unhas e até mesmo a ponta do bibe ou da T-shirt. A criança encontra-se motivada para escrever qualquer coisa para o pai ou para a mãe. É nesta fase que aprende a ler combinações de palavras. Inicialmente procede à identificação de palavras inseridas num contexto familiar, para seguidamente aprender novas palavras que posteriormente surgirão em novos textos.

Nesta idade, a criança ainda aprecia que lhe sejam lidas histórias quer em casa, como na escola, revelando mostrar-se atenta a tudo o que lhe é lido.

Outra das aprendizagens realizada nesta fase diz respeito aos símbolos numéricos (dígitos), que por vezes são representados de forma invertida, tal como acontece com as letras. Geralmente os rapazes revelam trabalhar melhor com os números e prestam mais atenção às histórias, enquanto as raparigas apresentam melhores resultados na leitura, na escrita e no desenho.

Foi no contexto da observação das aulas deste grupo que se tornou mais óbvia a complexidade do papel do professor que deve ter necessariamente inúmeras competências

e assumir distintas atitudes e posições de acordo com o momento da aula e necessidades dos seus educandos.

Ensinar o primeiro ano é uma coisa que tão depressa nos enche de entusiasmo como se torna angustiante. Por vezes temos de trabalhar duramente até alcançarmos os objetivos; outras vezes a aprendizagem ocorre com facilidade. Há grandes oscilações de comportamento. As coisas surgem às revoadas, como por exemplo desatarem todos a falar alto. Tentamos contrariar este comportamento específico da melhor maneira possível (o antídoto é falar muito baixinho) e, de repente, desaparece esse tipo de comportamento para, logo de seguida, acontecer qualquer outra coisa. É um desafio permanente.

O professor colocou-se à disposição dos alunos esclarecendo dúvidas e transmitindo os conhecimentos necessários à progressão dos mesmos, tornando-os participantes nas atividades postas em prática na sala de aula.

Foram visivelmente assumidas pelos alunos, posturas ativas, sem o professor/a estagiária deixar de observar as reações, motivação, interação e cooperação e, consequentemente, avaliar os resultados dos alunos.

A Relação Pedagógica

Como a turma é um microsistema social (Postic, 1990), pode-se analisá-la pela sua constituição e relações que se estabelecem no interior do grupo e as correspondências com a instituição escolar. É fundamental destacar que como refere Postic (1990):

O estudo sistemático das interações permite investigar o que se passa ao nível operatório (problemas do docente, do aluno, respostas do aluno, intervenções espontâneas, etc.) e ao nível latente, nomeadamente graças às expressões afectivas (inquietação, interesse, desinteresse, pretensões afectiva, agressividade, etc.). (p. 131).

Este estudo das interações em sala de aula esclarece a rede de comunicações organizadas e sua estrutura, isto é, o sistema de relações que se estabelecem entre os membros do grupo quando este funciona na organização prevista. O objectivo destas observações metódicas consiste em determinar as respectivas posições do professor e dos alunos; As dos alunos, através da comunicação estabelecida, a do professor, através da influência exercida pelo mesmo, das normas introduzidas e pela margem de liberdade que concede na comunicação.

O papel do professor é extremamente complexo na medida em que ensinar e educar ultrapassam a mera transmissão de conhecimentos. Ser professor passa por formar uma consciência crítica e pela criação de condições para que o aluno se torne autónomo e competente. Embora o aluno seja o centro do processo de ensino/aprendizagem e todas as opções didáticas devam ser tomadas em função das suas características e objetivos, é importante refletir acerca do papel do professor como potencializador das aprendizagens. A minha admiração foi sempre uma constante, na medida em que o professor conseguia gerir os conteúdos a trabalhar, a manutenção do interesse dos alunos e as propostas dos mesmos tornando-as fatores importantes das aprendizagens.

Para que isto acontecesse o professor teve de conseguir que o aluno soubesse o que ia fazer e qual a sua meta, sem esquecer os passos que precisaria de dar para a atingir. No âmbito desta função organizadora, coube-lhe ainda escolher o tipo de trabalho a realizar (individual, em pares ou grupo). Ao longo do percurso do aluno, o professor agiu frequentemente como assessor nos momentos de dar o *feedback* relativamente à prestação, à correção e avaliação dos seus produtos linguísticos, tentando ser sempre justo através da predefinição de parâmetros de avaliação (avaliação qualitativa e quantitativa).

O professor necessitou de adotar uma postura adequada aos vários momentos em sala de aula, estando na posse do conhecimento relativo aos diferentes métodos de ensino e fez uso dos mesmos da melhor maneira, adaptando-os às características de aprendizagem dos seus alunos. Tal, no entanto, só foi possível porque o professor desenvolveu competências de observação e se manteve em formação contínua. No decorrer da sua ação revelou-se um importante impulsionador das atividades por ele planificadas, estimulando e motivando constantemente os seus alunos a um maior envolvimento e participação na aula, apoiando-os e encorajando-os, de modo a contribuir para a obtenção de maiores progressos.

Observei ainda que, em momentos de exposição de conteúdos ou de manutenção da ordem e disciplina em sala de aula através da imposição de regras de conduta, o professor revelou ser essencial assumir um papel bastante mais directivo e disciplinador. No entanto, de acordo com a tipologia de exercícios e atividades desenvolvidas, o professor assumiu uma conduta diferente, assumiu o papel de organizador pois coube-lhe planificar e organizar as diferentes fases das suas aulas, indo ao encontro das necessidades

e interesses dos alunos sem esquecer o aspeto primordial para o funcionamento de qualquer actividade que é dar instruções claras e precisas para que estas possam decorrer sem incidentes.

Capítulo II - Enquadramento Teórico

Neste capítulo, pretendo enquadrar a problemática do meu estudo através da procura de literatura científica, de autores e respetivos trabalhos que abordem o tema e conceitos correlacionados com o meu objeto de estudo.

Importar clarificar o conceito de ambiente de aprendizagem e de clima de sala de aula, para em seguida esclarecer quais as características que a teoria prescreve para a definição de um bom ambiente de aprendizagem.

Começaremos contudo por procurar esclarecer de que ensino e aprendizagem falamos.

Ensino e aprendizagem no 1º ciclo do Ensino Básico

Em termos curriculares, e dado que atualmente a maioria das crianças frequentou a Educação Pré-Escolar, é no 1.º Ciclo que se desenvolvem e sistematizam as aprendizagens que, num dado momento histórico, a sociedade considera como a base fundacional para todas as aprendizagens futuras – na verdade, as aprendizagens correspondentes ao que poderíamos chamar uma educação de base, traduzida no currículo respetivo.

Citando a Organização Curricular e Programas. Ensino Básico. 1.º Ciclo, (2004):

É no 1.º Ciclo que se consolida e formaliza a aprendizagem das literacias, visando o domínio e o uso dos vários códigos linguísticos (a língua materna, mas também as linguagens matemática, artísticas, etc.); é também neste Ciclo que se estruturam as bases do conhecimento científico, tecnológico e cultural, isto é, as bases fundamentais para a compreensão do mundo, a inserção na sociedade e a entrada na comunidade do saber.

Esses conhecimentos estruturantes, solidamente adquiridos, são as fundações em que assentará o conhecimento específico de cada disciplina a desenvolver nos Ciclos seguintes e é necessário que, na sua abordagem inicial, se respeite a especificidade e o rigor próprios de cada área do

saber. No entanto, as características do desenvolvimento e da forma de apreensão do real, nesta faixa etária, justificam uma organização do ensino e da aprendizagem que mobilize de forma integrada esses conhecimentos. A organização e gestão curricular integrada que este Ciclo de escolaridade requer não implicam, pois, a diluição dos conhecimentos disciplinares específicos, mas a sua mobilização de forma inter-relacionada face a uma dada situação ou problema, através da conceção estratégica de sequências de aprendizagem dotadas de intencionalidade pedagógica.(idem)

Na mesma fonte, podemos ler ainda que:

A monodocência, para além de permitir a criação de uma relação estável da criança desta faixa etária com um adulto de referência, cria as condições para a gestão integrada do currículo neste Ciclo de escolaridade (embora por si só, não garanta essa integração). Por outro lado, a preparação para uma transição equilibrada para a pluridocência e a progressiva especialização dos saberes justificam situações de coadjuvação neste nível de ensino, mantendo-se o professor da turma com a responsabilidade de coordenar e gerir globalmente o currículo. (p.11 a17)

Como princípios orientadores estabeleceu-se que, sendo específicas de cada área disciplinar, as metas deveriam identificar os desempenhos que traduzem os conhecimentos a adquirir e as capacidades que se querem ver desenvolvidas, respeitando a ordem de progressão da sua aquisição. Houve a preocupação de as formular de forma clara e precisa de modo a que os professores saibam exatamente o que se pretende que o aluno aprenda.

Citando o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro e cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril):

As metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a

encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual.

As metas curriculares são uma iniciativa do Ministério da Educação e Ciência, surgindo na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais” Conjuntamente com os atuais Programas de cada disciplina, as metas constituem as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino: nelas se clarifica o que nos Programas se deve eleger como prioridade, definindo os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade.

Para o 1.º Ciclo, os programas propostos, implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, neste caso dos 6 aos 10, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam, efetivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno.

Os princípios enunciados requerem, da parte do professor, a consideração de um conjunto de valores profissionais que mobilizem estratégias e atitudes consequentes.

De entre outras, distinguem-se algumas como: o respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno; a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores; a consideração pelos interesses e necessidades individuais; o estímulo às interações e às trocas de experiências e saberes; o permitir aos alunos a escolha de atividades; a promoção da iniciativa individual e de participação nas responsabilidades da escola; a valorização das aquisições e das produções dos alunos; a criação, enfim, de um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral.

Sendo assim, neste contexto, a avaliação a realizar ao longo de cada ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico não deverá traduzir-se em juízos prematuros e definitivos que discriminem desde logo o aluno, impedindo-o de alcançar sucesso imediato e, porventura, no seu futuro escolar.

Particularmente neste ciclo, a avaliação terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.

Para que a tomada de consciência seja exercitada no quotidiano escolar, para que tenha valor formativo para o aluno e constitua progresso profissional para o professor, requer-se a construção e utilização de instrumentos de registo sistemático e partilhado que garantam a leitura do desenvolvimento das aprendizagens de cada aluno. Tal registo permitirá uma gestão mais adequada do estado das aprendizagens e realizações do aluno e dos processos de ensino que o professor deverá utilizar ou corrigir para o bom êxito da cooperação, indispensável ao sucesso, dos alunos e dos professores.

A Lei de Bases define o conjunto de objetivos gerais que deverão ser prosseguidos na escolaridade básica para ir ao encontro destas grandes finalidades.

Os objetivos atribuídos ao Ensino Básico pelo Artigo 7.º da Lei n.º 46/86 — Lei de Bases do Sistema Educativo - são os seguintes:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente interrelacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e

instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;

f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;

g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesa;

h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;

i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;

j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;

l) Fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos;

m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;

n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;

o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.

O Artigo 8.º da mesma Lei destaca do enunciado anterior formas de organização e objetivos particulares nos primeiros quatro anos do Ensino Básico, denominado 1º Ciclo, como as seguintes:

(...), o ensino é globalizante, da responsabilidade de um professor único, que pode ser coadjuvado em áreas especializadas (Ponto 1, alínea a);

(...) [e tem como objetivos específicos] o desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da

aritmética e do cálculo, do meio físico e social e das expressões plástica, dramática, musical e motora (Ponto 3, alínea a).

É pois neste quadro de objetivos de ensino, numa comunidade de aprendizagem constituída pelo professor monodocente e um grupo de crianças na faixa etária entre os 6 e os 10 anos de idade, que se colocam as nossas preocupações organizativas das inter-relações como clima para aprender e dos recursos envolventes como ambiente propício ao sucesso dessa tarefa.

Ambiente de aprendizagem e clima de sala de aula

Entende-se por ambiente de aprendizagem o conjunto de características físicas e relacionais, que constituem os “factores estruturais, pessoais e funcionais” considerados por Rodriguez (2004, p. 1), intencionalmente criadas no lugar para o bem-estar, a motivação e o desafio à aprendizagem que ali ocorre. O clima de sala de aula que dali resulta tem impacto nos processos de aprendizagem pelas interacções sociais, e pode entender-se como:

(...) o conjunto de características psicológicas e sociais da sala de aula, determinado por factores estruturais, pessoais e funcionais. (...) O clima de sala de aula está relacionado com características e comportamentos de professores, alunos, da interacção entre estes e, como consequência, a dinâmica da aula é única e particular destes elementos (Rodriguez, 2004: 1).

O clima de sala de aula é também descrito por Schmidt & Cagran (2006) como um sistema com quatro tipos de variáveis: o envolvimento físico, os objectivos organizacionais, as características dos professores e as características dos alunos. Isto é, o ambiente físico que é organizado com intencionalidade, e que pode sofrer variações de acordo com objectivos específicos, seja em função de tópicos particulares do currículo, constituindo-se como recurso facilitador, seja em função do bem-estar no desempenho da tarefa de ensino-aprendizagem tendo em conta as identidades em presença.

Sendo a sala de aula o contexto organizado onde, na escola, a aprendizagem tem lugar, dessa organização do ambiente físico e das relações que nesse contexto se estabelecem depende o clima ou ambiência em que a aprendizagem tem lugar. Com o primeiro elemento tem a ver a organização do espaço físico, do tempo e dos materiais; com

o segundo, as estratégias de motivação e bem-estar, a relação pedagógica e as inter-relações de trabalho entre os utentes desse ambiente. Todos eles são fatores muito importantes para que se estabeleça o gosto por ali estar e ali aprender.

Do ponto de vista da relação pedagógica estabelecida, o ambiente de aprendizagem será caracterizado:

(...) pelo maior ou menor envolvimento dos alunos no trabalho e pela rigidez ou informalidade nas relações entre eles e o professor. Relaciona-se com as tarefas propostas, o tipo de comunicação e negociação de significados, o modo de trabalho dos alunos e a cultura de sala de aula. Os professores devem promover a criação de ambientes que encorajem os alunos a formular questões, a fazer conjecturas, a tomar decisões, a argumentar para justificar os seus raciocínios; ambientes em que alunos e professor estejam atentos ao pensamento e raciocínio uns dos outros e funcionem como membros de uma comunidade (...). (NCTM, 1994 e 2000)

Perspetivas atuais, ressaltam que os objetivos da aprendizagem são multifacetados e também morais e sociais, pelo que a organização do ambiente, o ensino e a aprendizagem são complementares e devem ser consideradas como interdependentes.

São vários os estudos que mostram que um ambiente organizado e estruturado constitui uma das condições necessárias para que as aprendizagens ocorram. De acordo com Arends (1995), alguns ambientes são caracterizados por:

(...) um clima geral em que os alunos têm sentimentos positivos sobre si, os colegas e a turma enquanto grupo; estruturas e processos em que as necessidades dos alunos são satisfeitas e onde os alunos persistem nas tarefas escolares e trabalham de modo cooperativo com o professor e outros alunos; um contexto em que os alunos adquirem competências de grupo e interpessoais necessárias à realização das exigências escolares e grupais da turma. (p.110)

Particularidades das salas de aula, tais como os processos de grupo e as estruturas básicas das tarefas, a participação, a orientação e a recompensa, estão grandemente sob o controlo do professor. Como nos refere o mesmo autor, “(...) é a maneira como processos e estruturas são desenvolvidas e mantidas pelos professores que determina se um ambiente de sala de aula vai ser ou não produtivo.” (idem p.116).

É o Professor que desencadeia e orienta a atuação dos alunos a partir da criação de um ambiente físico e relacional em sala de aula que é por ele pensado e estruturado de acordo com o seu perfil docente e de acordo com os modelos epistemológicos e pedagógicos que orientam a sua praxis.

A sala de aula apresenta-se como local privilegiado da atividade de qualquer turma. Do ponto de vista do enquadramento físico posto ao serviço do processo, refere Zabalza (1993) que

(...) a organização e gestão do espaço, [constitui] um fator importante a ter em conta para a implementação de uma pedagogia que contemple a pluralidade das aprendizagens e pertenças, pois a forma como o professor os considera, constitui por si só, uma mensagem curricular que é, em si mesma, significativa para os alunos e para o próprio professor. (p.174)

O ambiente físico criado através da organização do espaço e dos materiais serve a um determinado clima e modo de trabalhar dos e com os alunos. Niza (1998), integrando o modelo pedagógico do Movimento de Escola Moderna, refere-se ao espaço e materiais, como estruturantes de um bom ambiente de aprendizagens:

À volta da sala, junto às paredes, vão-se sucedendo as áreas de apoio. Às áreas de apoio geral à organização do trabalho, correspondem, normalmente, a um armário para materiais colectivos, a uma bancada de ficheiros para trabalho autónomo e a um placard onde se fixam os mapas de registo da evolução do trabalho e o diário da turma. (p.84).

Acerca das áreas de apoio geral, o autor refere a importância dos seguintes elementos como: o armário, para algumas arrumações de materiais; a bancada de ficheiros, correspondentes às várias áreas do programa do ano, o quadro de registo de tarefas; o mapa de presenças dos alunos; os textos produzidos, entre outros.

Ainda assim, este autor dá extrema importância às áreas de apoio específico ao programa, como: O *atelier* de expressão plástica, necessários à modelagem, à escultura (barro, massa de cores, pasta de papel, pasta de madeira, plasticina); à oficina de teatro, cujo objetivo será guardar fantoches, marionetes e máscaras, com o seu respetivo biombo para apoio; à área de apoio à educação musical, ligada à oficina de teatro, com os instrumentos e partituras; a biblioteca, representando para muitos dos alunos, um recanto

acolhedor, dispondo de almofadas, permitindo um ambiente confortável; a oficina de escrita, com os meios de impressão e de reprodução, computadores, limógrafo, entre outros. O cantinho da leitura, um dos espaços destinados à biblioteca, serve de ferramenta essencial para o desenvolvimento de capacidades cognitivas em todos os níveis educacionais e, nesse aspeto, contribui fortemente para o sucesso escolar. Devemos motivar os alunos para a leitura, apelando à sua imaginação através do conto e estimulando-lhes a curiosidade através da colocação de questões problemáticas relativas a assuntos que lhes despertem interesse. A leitura reflexiva é essencial para desenvolver o conhecimento em diversos ramos do saber e para desenvolver aplicações diversas. Não se pode esquecer que a compreensão de muitos fenómenos vividos no quotidiano e a construção de muitas das maravilhas da tecnologia de que a sociedade beneficia atualmente são fruto da conjugação de conhecimentos provenientes de diferentes áreas disciplinares. Portanto, a comunicação, imprescindível para estabelecer ligações entre as diferentes áreas disciplinares, implica leitura reflexiva de diferentes textos e clareza na troca de conhecimentos; Também a área da sala específica dos recursos para matemática, aqui referida como, laboratório de ciências, serve de apoio à observação, à montagem de experiências e de apoio ao estudo de grandezas, medidas, formas e espaço que integram o programa da matemática.

A implementação das diferentes áreas, tal como nos diz Meireu (1992), citado por Pires (1996):

(...) não podem funcionar sem a existência de regras que devem ser instruídas na turma, quer sobre a utilização dos materiais, quer sobre as deslocações na sala, sobre o uso da palavra etc., ... Estas regras devem ser claramente explicadas ou mesmo negociadas. (p.60)

É igualmente importante que, sempre que se introduza um novo material de trabalho, se explique previamente aos alunos a sua funcionalidade e a melhor forma de trabalhar com ele. Os murais que integram as diferentes áreas contêm elementos de apoio à realização das tarefas, modelos e processos que se relembram, recursos para a construção autónoma de conhecimento e competências.

Como salienta Cadima, (1997), as paredes apresentam-se como “um espaço útil de grande potencialidade ... é aí que se colocam quadros com a distribuição de tarefas, a

planificação, o registo de observação ou de produções, para além dos trabalhos dos alunos.” (p.25)

Em 1979, J. Elisabeth, identificou cinco dimensões que podem ser usadas para analisar um ambiente físico, citado por Spodek. & Saracho (1998), sendo elas: “Macio – Duro, Aberto – Fechado, Simples – Complexo, Integração – Isolamento, Alta mobilidade – Baixa mobilidade.” (p.127).

As áreas macias eram lugares onde os alunos poderiam relaxar para ler, ouvir, ou brincar silenciosamente. A maciez pode ser criada por um pequeno tapete ou manta de retalhos, almofadas, bonecos de peluche, um sofá estufado ou cadeiras forradas de balanço. Outras áreas são caracterizadas pela sua dureza, pisos e mesas duras, que facilitam a sua limpeza, materiais que podem aguentar alguma desorganização dos alunos.

Além disso, Spodek & Saracho (1998) defendem ainda que:

(...) devem ser oferecidos materiais educativos simples e outros mais complexos. Os materiais simples têm um uso óbvio e são formados de apenas um elemento; já os complexos, permitem a manipulação e a improvisação, podendo ser decompostos em vários elementos menores. “(p.127).

Mas o clima de sala de aula não dispensa o cuidado com o clima relacional, com a organização da interacção entre os pares e entre estes e cada um e o professor.

Assim, o ambiente inter-relacional, servido pela cuidada organização do espaço e dos recursos, é também destacado por Niza (1998) quando afirma que:

(...) o clima sócio-afectivo da acção educativa costuma definir-se tendo por referência as relações pessoais entre alunos e professores, o modo de regulação do trabalho de aprendizagem e a possibilidade de escolha das actividades que definem também os níveis de liberdade, de autonomia e de segurança emocional dos alunos.(idem, p.94).

No mesmo sentido, o desenvolvimento de tarefas claras e compreensíveis para os alunos e os objetivos estabelecidos ao longo destas, mediante as competências do aluno, contribuem para uma gestão eficiente da aula que o professor desenvolve.

Planear ações de ensinar eficazes implica assumir uma postura estratégica, isto é, conceber um percurso orientado para a melhor forma de atingir uma finalidade pretendida, no caso, a aprendizagem de alguma coisa: conceitos, relações, competências, saberes

práticos e muitos outros que integram os conteúdos curriculares, por um conjunto diversificado de alunos.

Por outro lado, o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento cognitivo estão sempre em sintonia. Sendo o professor, um promotor de bons ambientes de aprendizagens, fazendo com que os alunos se sintam seguros e com confiança, o aluno criará a autonomia, interesse e sentido de curiosidade. Mais facilmente o aluno atingirá os resultados por si próprio. Os contextos criados e os ambientes onde se sintam cada vez mais acolhedores e confortáveis, são fator de ligação afetiva com o professor e com o saber.

Como nos diz Freinet (1988):

Não é suficiente transmitir conhecimentos, embora estes sejam indispensáveis. ... Imprescindível auxiliar os alunos a desenvolverem a atitude de caminhar em busca do conhecimento; despertar neles a paixão pelo saber, pela descoberta, pela aquisição e construção da cultura. Do contrário, quando o aluno não tem sede de conhecimentos ou nenhum apetite pelo trabalho proposto, de nada adianta despejar-lhes nos ouvidos as explicações mais eloquentes, e pode-se até provocar uma espécie de aversão fisiológica pelo alimento intelectual, e de bloquear, talvez para sempre, os caminhos que levam às profundidades fecundas do ser. (p.16)

Ao defender uma Pedagogia do Trabalho, Freinet ressalta a importância da finalidade e dos resultados para cada uma das atividades propostas. Devem ser oferecidas aos alunos, condições para que vejam e desfrutem dos resultados do seu trabalho. Através do esforço produtivo e agradável, serão estimuladas a ir cada vez mais longe. Os alunos corresponderão ao estímulo, pois é natural a necessidade de criar e de realizar. Segundo Freinet (1988), “a criança em contacto com a vida, deseja sempre trabalhar seriamente, produzir coisas bonitas, servir aos outros” (p.84)

O conselho de Freinet para que os alunos comecem a sentir a utilidade dos seus trabalhos é a valorização do esforço e do seu resultado.

Isto é, é preciso entender que o aluno, ao executar uma atividade, possui a dignidade e as preocupações de um trabalhador. É precioso reconhecer e demonstrar o reconhecimento desta dignidade, para que, a cada momento, o aluno adquira a consciência de ter caminhado mais um passo, rumo à eficiência e à beleza. O professor deve aprender a

valorizar os trabalhos mais humildes do mais humilde de seus alunos, e estimular para que o mesmo se supere sempre, para que caminhe cada vez mais longe, para que dê o melhor de si em todas as circunstâncias.

Capítulo III – Metodologia

Uma das questões fundamentais na realização de uma investigação é a opção metodológica que se assume. O objetivo e as questões a que a investigação se propõe responder jogam um papel importantíssimo na definição da metodologia a usar.

Pode-se então entender que paradigma metodológico, de acordo com Quivy (2005), será “ (...) o caminho a seguir para fazer o balanço das diversas abordagens do problema e de elucidar as suas características de base essenciais”... (p.96)

Esse caminho pode ter natureza diferente de acordo com o objeto e o objetivo do estudo.

O paradigma de investigação

Optamos por uma abordagem qualitativa, compreensiva e interpretativa – a que melhor se adapta à problemática em estudo, visto que se pretende compreender como o professor promove e gere um bom ambiente de aprendizagem -, que permite investigar e relacionar fatos, dados e evidências visando a compreensão de um problema relacionado com processos que ocorrem na realidade social. Como refere Martins & Theóphilo, (2007):

Pedem descrições, compreensões, interpretações e análises de informações, fatos, ocorrências, evidências que naturalmente não são expressas por dados e números. (...) Nestes casos as técnicas de coleta são mais específicas, como por exemplo: entrevistas; observações; análise de conteúdo, observação participante, etc. (p. 135).

Segundo Carmo & Ferreira (1998), “A metodologia qualitativa incide mais nos processos (descrição e análise das acções, interacções e discursos dos sujeitos) do que nos produtos. Tem mais a ver com o processo do que com os resultados” (p.177).

Assim, tratando-se de uma investigação de natureza qualitativa torna-se pertinente analisar as suas cinco características como nos descrevem Bogdan & Biklen (1994):

(1) A fonte directa dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; (3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; (4) a análise dos dados é feita de forma indutiva; e (5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências. (p.57).

Ainda segundo os mesmos autores, na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeia do que com aquele que o faz meticulosamente. Enquanto a investigação quantitativa utiliza dados de natureza numérica que lhe permitem provar relações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirão observar o modo de pensar dos participantes numa investigação.

Sendo a fonte direta de dados o ambiente natural, constituindo o investigador o principal agente desses mesmos dados, no papel de estagiária em sala de aula constitui-me como investigadora participante, através de observação direta, no ambiente em que estava inserida, recolhendo dados, vendo e descrevendo com pormenor o que observava, utilizando sempre um bloco e uma caneta e/ou, máquina fotográfica, para os trabalhos efetuados durante algumas atividades;

Como os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo foram registados descritivamente em notas de campo;

Sendo as metodologias qualitativas usadas neste processo pelos investigadores, estes, interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados.

A minha preocupação foi a de observar o ambiente de aprendizagem e recolher as interações e reações não me preocupando com o produto final.

Na investigação qualitativa a análise dos dados é feita de forma indutiva. Assim, preocupei-me em registar e analisar os mesmos orientando a minha pesquisa de forma ir ao encontro da minha problemática e das questões colocadas.

O investigador ao ser uma pessoa atenta e interessada, tenta, acima de tudo, compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Para Bogdan & Biklen (1982) “um paradigma é aquilo que nos permite olhar o mundo e identificar o que nele é, para nós, importante”. (p.47). As questões epistemológicas discutem a natureza da relação entre o que se sabe ou se pode vir a saber e o que é possível saber-se. Por outras palavras, problematizam à volta da objetividade ou subjetividade, quer no sentido que se atribui a estes termos, quer na importância que eles possam tomar. Cabe ao investigador decidir até onde deve ir, qual o nível de profundidade do conhecimento a que pretende chegar, de forma a ser-lhe possível atingir os objetivos a que se propõe.

Um investigador deve apenas tomar uma posição sustentável com a realidade, perante aquilo que ele próprio é e filtrando a realidade, pois todo o conhecimento e experiências serão aprendizagens ao longo da sua vida. É na observação de factos ricos, que refletimos, partilhamos e tiramos ideias e adequamos a nossa forma de vida perante aquilo que nos rodeia. Para isso um investigador tem que ter uma visão transformadora desprovida de preconceitos, tentando entender tudo aquilo que se passa à sua volta. É nessa viagem diária que embarcamos e nos damos conta do quanto crescemos para ajudar e compreender o outro.

Foi neste contexto, que me deixei envolver por uma realidade, onde as situações de aprendizagem eram conduzidas em ambientes ora calmos, ora mais agitados, mas em que o professor foi o gerador e promotor de ambientes de aprendizagem numa turma do 1º ciclo do 1º ano. Cada momento foi aproveitado para aprender, como observadora e participante, fazendo sempre a ligação do ambiente criado com o currículo escolar a desenvolver.

Participantes no estudo

- Os alunos

Participaram neste estudo vinte e seis alunos de nacionalidade portuguesa, treze dos quais são rapazes e os restantes raparigas, todos com 6 anos feitos até 31 de dezembro e frequentando pela 1ª vez o 1º ano de escolaridade. Frequentaram o pré-escolar no próprio estabelecimento de ensino, à exceção duma aluna.

- O professor

O professor como primeiro sujeito de observação em função da problemática foi um participante fundamental.

Em termos de formação académica tem uma licenciatura em tradução e interpretação de Línguas Modernas (Inglês e Francês) e uma Licenciatura em Professor do 1º Ciclo Ensino Básico. Tem 12 anos consecutivos de serviço no ativo nesta instituição

- A estagiária

Fui interveniente neste estudo como observadora e como participante no ambiente natural, na medida em que desencadeei situações de aprendizagem e as planificações das mesmas atestam a preocupação na estruturação do ambiente de aprendizagem.

A recolha de dados e seus instrumentos

A investigação qualitativa tem por base técnicas de recolha de dados descritivas e a sua análise cuidadosa.

A observação é uma das técnicas mais antigas de recolha de dados, ela ocorre no contexto natural onde se desenrolam os fenómenos em estudo e acontece em interação com os participantes.

Ludke & André (1986), referem que “existem diferentes tipos de observação, cuja diferenciação pode assentar no nível de conhecimento que os participantes têm sobre os objectivos e a identidade do investigador e no nível de interacção estabelecido pelo investigador com os participantes”. (p. 98).

Neste estudo, a observação foi participante e não participante, uma vez que a investigadora estagiava no contexto de observação, inserida no trabalho de sala de aula, nos recreios e nas horas de refeições.

Alguns instrumentos de registo dos dados recolhidos privilegiados nesta investigação estão entre as técnicas que, segundo Bogdan & Biklen (1982) são “... usualmente utilizadas em estudos que seguem um paradigma interpretativo”. (p. 172). E são elas:

- As notas de campo, que descrevem os dados da observação dos sujeitos,
- A planificação metodológica de tarefas letivas, que descrevem as ações previstas pela investigadora participante.

Ainda referindo Bogdan & Biklen (1994), “Nos estudos de observação participante, todos os dados são considerados notas de campo, este termo refere-se colectivamente a todos os dados reconhecidos durante o estudo, incluindo as notas de campo, imagens e outros materiais (...)” (p.150). Nos “outros materiais” incluímos justamente as planificações.

Estabelecem os autores que, com o desenrolar do tempo, a empatia e a confiança mútua que se espera que se estabeleça entre o investigador e os participantes no estudo poderão permitir uma melhor perceção da realidade tal como esta é vista por estes. Por outro lado, a interação que se estabelece entre o investigador e o objeto de estudo, torna possível a este reorientar, quando necessário, a recolha de dados de forma a ser capaz de dar resposta às questões propostas.

As notas de campo

Para este estudo de investigação qualitativa, as notas de campo foram importantes **como registo detalhado dos dados** observados.

As notas de campo (anexo I) estão contempladas com a hora, o local e os intervenientes. A descrição é feita no presente, com todos os detalhes e pormenores da ação. Através dela conseguimos ter a noção do que experienciámos, conseguindo refletir sobre o que aconteceu à nossa volta, pois só assim se consegue perceber o que se passa no quotidiano.

De forma a conseguir registar os momentos o mais explicitamente possível, muni-me de um bloco de notas e caneta a fim de registar os momentos mais que considerava importantes para o processo investigativo.

As planificações

Como meio de atestar e testar os ambientes criados em sala de aula para o desenvolvimento de aprendizagens, apresento a planificação metodológica, constituindo uma espécie particular de notas de campo.

Zabala, citado por Braga, Vilas-Boas, Alves, Freitas & Leite (2004), anunciam-nos que:

(...) a planificação passa pela criação de ambientes estimulantes que propiciem actividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos. Isso pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender. (p. 27)

Com as observações, fui refletindo sobre os ambientes propostos durante as atividades, o que me levou a ter a preocupação de promover o melhor ambiente que podia, motivando o grupo através de várias estratégias. Deste modo tornei-me mais cuidadosa e atenta aos pormenores relacionados com a criação de um bom ambiente de aprendizagem ao elaborar as planificações

As técnicas para tratamento dos dados

Como defendem Bogdan & Biklen (1994):

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura

de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros. (p.205)

Inferências

Assim, a análise dos dados recolhidos de forma descritiva ou fotográfica, em notas de campo e na planificação das atividades realizadas, é inferencial, isto é, dedutiva e interpretativa, refletindo sobre os dados tendo como base uma sustentação teórica.

A reflexão posterior à implementação do planificado corresponde também a uma inferência, a uma interpretação do acontecido na prática e seus resultados.

No registo das inferências, os comentários estão no passado e contêm, algumas delas, hipóteses ou questões em aberto.

Capítulo IV – O Professor e a Promoção e Gestão do Ambiente de Sala de Aula

A relação do sujeito com o ambiente e deste com aquele é sinérgica, desencadeia interações mútuas. Esta afirmação já banalizada apoia-se na experiência comum que estudos em diferentes contextos e áreas sustentam. Deste modo, o ambiente de sala de aula não escapa a este senso comum e parece ser um importante contextualizador de aprendizagens, agindo não só no sentido da criação de um clima de bem-estar relacional como de prodigalizador de recursos e de desafios que informem e animem o processo de ensino-aprendizagem.

Com efeito, como nos diz Doyle (1986),

(...) é na sala de aula que se desenvolve a maior parte do processo ensino-aprendizagem, processo este que apresenta duas tarefas estruturais: aprendizagem e ordem. A aprendizagem, de natureza individual, concretiza-se através da instrução, tendo por referência um currículo que os alunos devem dominar, persistindo nos seus esforços para aprender. A ordem realiza-se pela função de gestão, isto é, pela organização de grupos na sala, estabelecimento de regras e procedimentos, reagindo ao mau comportamento, monitorizando e ritmando os acontecimentos da sala de aula. (p.395).

Então, face à observação, na sala de aula de 1º ano de escolaridade onde foi desenvolvido o estágio, destes cuidados metodológicos, surgiu a vontade de aprofundar e sistematizar, realizando um estudo que permitisse compreender e descrever o papel do professor no processo de promoção e gestão dum ambiente estimulante de aprendizagem em sala de aula, no 1º ciclo do Ensino Básico.

Foram colocadas questões orientadoras visando compreender o que é um ambiente de aprendizagem e que elementos o constituem, (i) quanto à estrutura, isto é, organização do espaço físico, do tempo e dos materiais e (ii) quanto ao processo, isto é, quanto à relação pedagógica e às estratégias de motivação, parceria/cooperação e “bem-estar”. Questiona-se ainda (iii) como os alunos e o professor tiram partido do ambiente criado bem

como (iv) que lugar dá o professor, no planeamento do seu trabalho, à organização de um ambiente de aprendizagem.

A partir de uma pesquisa teórica que fundamentasse a pesquisa empírica e as respetivas observações no ambiente natural, partimos para a compreensão e descrição dos processos em questão.

Um bom ambiente de aprendizagem

São vários os estudos que mostram que um ambiente organizado e estruturado constitui uma das condições necessárias para que as aprendizagens ocorram, como referem Cameron, Connor, & Morrison (2005), citados por Cadima *et al* (2011) e, de acordo com Emmer & Stough (2001), citado pelo mesmo, “a organização da sala inclui os processos relacionados com a organização e a gestão do comportamento, do tempo e da atenção dos alunos.” (p.17).

Também a qualidade geral do ambiente relacional da sala, de acordo com Birch & Ladd (1998), parece ser uma variável importante para a compreensão dos processos que influenciam o progresso escolar das crianças. Partindo da observação e da intervenção pedagógica em contexto de estágio numa sala de 1º ano do 1º ciclo do Ensino Básico, procurei compreender a génese e os benefícios desses ambientes de aprendizagem, a partir de uma ação docente sua promotora e gestora.

Considerando os aspetos relacionais do ambiente de trabalho, pudemos observar que o professor da sala onde estagiámos é uma pessoa bem-disposta e muito atenta aos comportamentos dos alunos. Demonstra responsabilidade e domina os conteúdos curriculares das disciplinas. Tem consciência das características de desenvolvimento dos alunos, escolhendo estratégias coerentes e desafiantes, pondo os alunos à vontade durante as aprendizagens, estabelecendo um clima de harmonia em sala de aula.

Tem preocupação e manifesta expectativas positivas em relação às aprendizagens de todo o grupo, instituindo normas de convivência, de comportamentos e atitudes, nunca esquecendo a promoção de um pensamento autónomo.

Há uma preocupação efetiva em relacionar-se com os pais dos alunos.

É um professor que privilegia a avaliação contínua, aprimora inovando e propõe o trabalho de equipa, entre alunos e professor, refletindo, fazendo e fomentando autoavaliação. Nos contextos em que esteve inserido e participou, o professor realizou atividades, desempenhou papéis e estabeleceu relações interpessoais, fatores que têm sido determinantes no seu desenvolvimento, como determinantes acabam por ser igualmente as matrizes que moldam a natureza dos contextos e das suas relações.

Nesta relação sujeito-ambiente, o professor é gerador de várias atividades, de novos papéis, e são permanentes as boas relações interpessoais, que foram causa e consequência do processo de desenvolvimento. Como refere Portugal, (1992), (...) “a posição do indivíduo se altera em virtude de uma modificação no meio ou nos papéis e atividades desenvolvidas pelo sujeito”. (p.40).

Outro fator que influencia o comportamento dos alunos é a existência das regras. Na verdade, da sua compreensão e legitimidade decorreu, em grande parte, a aceitação das mesmas por parte dos alunos, permitindo assim, que desempenhem o papel de regulador funcional. Isto é, ao se estabelecer condições para ensinar, ou aos restabelecer as regras, quando são quebradas, estas irão regular as condições do sistema produtivo na sala de aula. Ao professor eficaz cabe criar a ordem, estabelecendo atividades, antecipando os maus comportamentos, pondo-lhes um fim, quando surgem. Compete-lhe criar ambientes produtivos, na consciencialização de que a ordem, mais do que imposta, tem de ser vivida, construída, no microsistema da sala de aula.

De facto, como refere Estrela (1992), “(...) ao estabelecerem as condições para o ensino, ou ao restabelecê-las, quando são quebradas, regulam as condições de harmonização do sistema normativo com o sistema produtivo na sala de aula.” (p.52). Isto é, quando existe harmonia entre os dois sistemas, um acaba por reforçar o outro. Esta harmonia acaba por ser desrespeitada, quando as regras subjacentes a cada formato de atividades ou não são devidamente definidas, ou não consideram os contextos em que se vai desenrolar a actividade.

Com a intenção de realizar o estudo, foi seguida uma metodologia qualitativa interpretativa, de forma a compreender a realidade em que estava envolvida, fundamentada

por literatura científica que esclarece a problemática. Foram recolhidas notas de campo, fruto da observação, na prática pedagógica, com a turma do 1º Ano, referente:

- às preocupações do professor em criar um ambiente geral organizado do ponto de vista dos recursos e do bem-estar, em que os alunos se movam à vontade,
- aos ambientes particulares metodologicamente criados para cada objetivo curricular, tanto pelo professor como por mim, que constam das planificações efetuadas;
- ao ambiente relacional promovido pelo professor e por mim,
- ao modo como os alunos se integram nesses mesmos ambientes.

O ambiente físico e relacional em contexto de sala de aula, parece refletir-se nas aprendizagens dos alunos, nas suas interações. Poder-se-á dizer que esta situação depende do género de estratégias que o professor promove. Estas estão registadas em notas de campo (NC I), que podem ser consultadas em Anexo I, referentes à implementação das planificações (PL II), em Anexo II, com as respetivas reflexões sobre o que ocorreu.

O lugar da criação do ambiente no planeamento do professor

Os documentos curriculares, em vigor, têm vindo a apresentar algumas referências e orientações **acerca do papel do professor** como principal responsável pela construção do ambiente de aprendizagem.

A tarefa principal que se impõe aos professores é conseguir que os alunos, desde cedo, aprendam a gostar das diversas áreas. Cabe ao professor organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo dos alunos e do desafio que a própria escola constitui para eles. Só assim a escola se tornará aliciante e poderão os alunos continuar ativos, questionadores e imaginativos como é da sua natureza. Como se pode ler no programa de matemática (NCTM) (1991):

(...) O nosso papel como professores, ao estabelecer com os alunos um ambiente na aula que os encoraja a exprimir o seu pensamento e ao mesmo tempo permite que coloquem questões uns aos outros, cria, também para nós, um ambiente de aprendizagem. Não se trata apenas de um ambiente que encoraja pensamentos de

ordem superior e actividades reflexivas aos nossos alunos, mas também a nós próprios. (p.11)

O professor, no seu papel de promotor e gestor do ambiente de sala de aula propício ao processo de ensino-aprendizagem, tem que prover não só aos aspetos físicos do local onde se desenvolvem as atividades, mas também aos aspetos metodológicos que os primeiros servem, isto é, por exemplo, uma organização do tempo e do espaço que contribua para uma determinada interação pedagógica entre os alunos e o professor e entre o aluno e seus pares, a gestão do comportamento e da atenção dos alunos e que sirva as estratégias planeadas e contenha os recursos necessários.

O professor cooperante de sala, relata que:

É importante estar em condições de estabelecer alguma ordem o que implica atitudes e habilidades necessárias, sabendo escutá-los num diálogo sem receios, dando-me a conhecer e vice-versa.” (04/06/13 Nota de Campo nr. 7/Anexo I).

Esta intencionalidade comunicativa está presente desde logo nas preocupações do planeamento e planificação.

Nas aulas fui usando como recurso, a leitura de pequenos textos, jogos de raciocínio, entre outros, para desenvolver tarefas que envolvessem competências a vários níveis para me aperceber das algumas dificuldades dos alunos nas diferentes áreas que estão contempladas no programa curricular.

O comportamento do aluno a quem a atividade não interessa, é problema do professor, isto é, decorre muitas vezes da coerência da tarefa e do seu interesse imediato. Se o aluno faz barulho, se conversa, o adulto choca-se, pois interpreta os comportamentos de fuga como agressão pessoal quando não passam de um indicador de desinteresse. Eles indicam muito simplesmente que a atividade proposta não tem significado imediato, logo, não tem interesse. Observamos os mesmos comportamentos quando a tarefa dura demasiado tempo ou quando ela se repete de forma idêntica ou muitas vezes. Ela acaba por perder o seu interesse, como refere Letourneur (1994):

Em certos casos ou para certas tarefas, podemos obrigar o aluno a agir, a aprender? Porquê obriga-lo? A aprendizagem é um processo pessoal. Com efeito, seja qual for a

natureza ou a orientação da actividade é o aluno que aprende. Só ele pode reter a informação ou o conhecimento e torna-lo seu. Para que ele aprenda qualquer coisa é necessário que se envolva na actividade proposta, pelo que esta deverá ter significação. (p. 20)

Numa sala tem de haver um conjunto de fatores como: o interesse, os modelos, as referências e o professor. Por isso, o professor foi sendo um constante observador, motivando os alunos para várias práticas, onde envolvesse todo o interesse destes, com o objetivo de os manter motivados para a aprendizagem.

Como refere o professor cooperante, em momento de conversa, sobre a importância que dá ao ambiente de sala de aula:

O ambiente de sala, não deixa de ser a forma como dispomos o espaço físico e material, no qual as tarefas decorrem. Há que saber planifica-lo e geri-lo ...Pretendo dentro desse espaço, que o aluno se sinta bem e motivado, onde faz as suas explorações intelectuais, onde se irá desenvolver.” (04/06/13) Nota de Campo nr.8/Anexo I).

Todos os fatores constituem elementos importantes que levam o aluno a implicar-se na ação mas também podem agir em sentido contrário. O professor é mais que um elemento, pois se analisarmos, ele é quem gere todos os outros elementos. O que acontece na sala de aula depende essencialmente dele, da sua forma de ser, de compreender a ação e a relação educativa e ainda o modo como cria o meio convidativo e fecundo que rodeia o aluno.

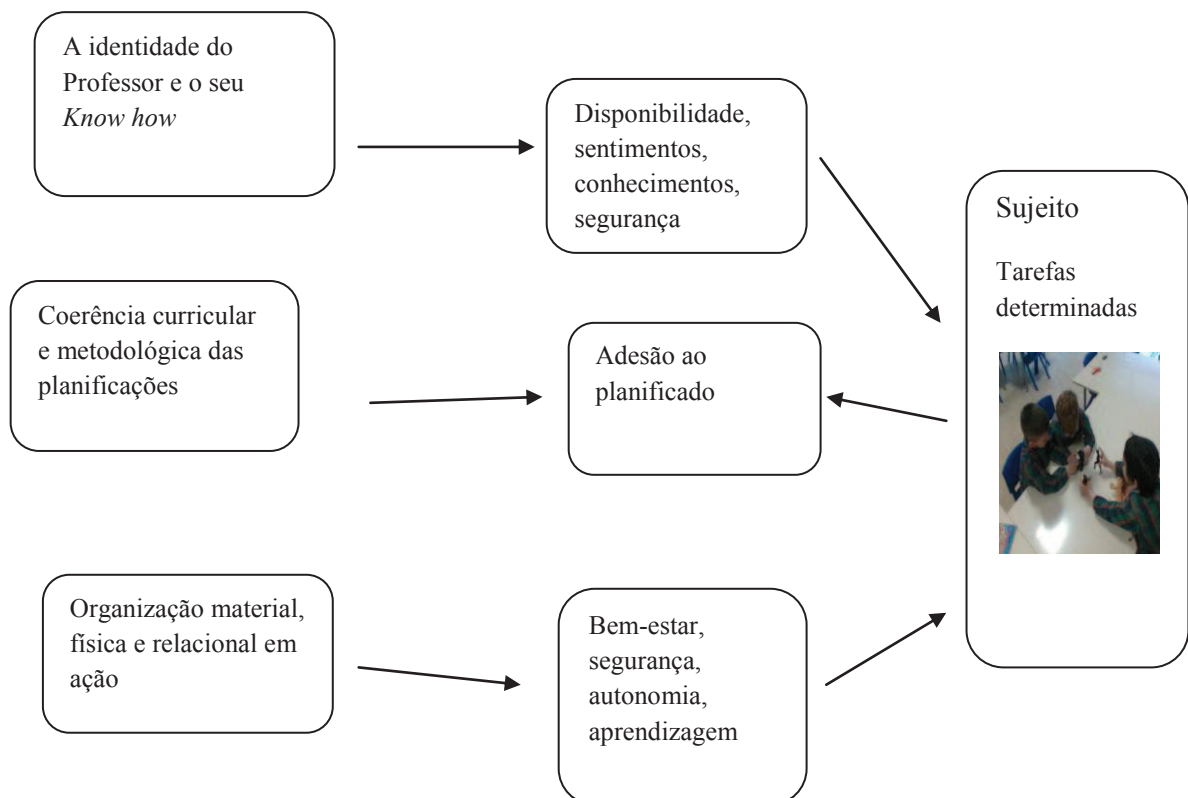
A organização do espaço da sala de aula é determinada por critérios que importa aferir correlacionando-os com os conteúdos a ser trabalhados, com o currículo oculto dos alunos e com os recursos disponíveis. Como refere Spodek. & Saracho, 1998 “(...) um centro de actividades é uma área de sala de aula onde são oferecidos materiais baseados em uma área de conteúdo ou tópico, para estimular a aprendizagem da criança. “ (p.127)

Ilustração 2 – Situação de Aprendizagem



Todos os sentimentos de segurança, de pertença, de autonomia e de aprendizagem efetiva são o produto de uma intencionalidade do professor que se caracteriza pela a interação de diferentes fatores e da situação de expressão de aprendizagem. Esta situação pode representar-se da seguinte forma:

Ilustração 3- Aprendizagem



Cada um dos fatores: o adulto, o aluno e os outros alunos, a coerência da tarefa, entre outros aspetos, constituem um campo múltiplo de motivações. São elas que se complementam e vão determinar e definir a implicação dos alunos, o desenvolvimento da atividade e a consecução dos objetivos.

O professor orienta, sendo mais que um elemento, ele analisa os diferentes fatores e verifica, que todos eles estão sob da sua responsabilidade. Verificamos que o que acontece na sala depende dele, da sua forma de ser e de compreender a ação e a relação educativa e da capacidade de conhecer o meio que rodeia o aluno.

Devemos considerar cuidadosamente a modificação do espaço para melhor acomodar as atividades do programa. Se todos os alunos vão estar envolvidos na mesma atividade no mesmo momento, a arrumação da sala é de igual importância mas diferente do que se as tarefas forem em grupo ou individuais. A sala deve ser organizada para que os alunos possam trabalhar com supervisão mas sem a presença direta do professor e que não se atropelem uns aos outros. O professor refere ainda que:

Ao motivá-los a respeitar prazos, vigiando-os em algumas tarefas e ao resolver problemas de comportamento estou de certa forma a reduzir eventuais perturbações, tendo como objetivo de maximizar o envolvimento e a cooperação. (idem) Nota de campo nr. 9/ Anexo I).

Em algumas áreas da sala é importante o seu isolamento/separação, a fim de permitir um certo aconchego e dar espaço para atividades que devem ocorrer à parte da confusão e barulho do restante grupo. Outras ainda devem estimular a integração do professor e dos alunos, como quando numa atividade há participação conjunta com os alunos. O aluno é estimulado a ficar sentado calmamente durante uma conversa, quando o espaço é demarcado por limites físicos determinados por um tapete ou manta ou mesmo pela mobília. Da mesma forma grandes espaços abertos encorajam atividades motoras amplas.

Perante algumas estratégias utilizadas, admito que o trabalho em grupo, revelou ser mais cooperativo como processo educativo em que os alunos trabalham juntos, do que individualmente, o que pressupõe que cada um dos membros do grupo atinja o seu objetivo, se cada um dos outros o tiver também atingido.

Pareceu-me evidente que o que distingue fundamentalmente a aprendizagem em grupo é o facto de que um aluno, pode contribuir para o sucesso do conjunto dos membros do grupo, onde a interajuda determinou o realizar de diversas aprendizagens.

Tirar partido do Ambiente criado

Desta forma, e usando a pesquisa efetuada, procurei desenvolver neste tempo de estágio, formas de proporcionar um ambiente rico para a aprendizagem, o que, através de uma observação constante, o que obrigou a planificar de uma forma rigorosa, mas não excessiva, múltiplas estratégias que pus a funcionar, tentando encontrar um ponto de equilíbrio para um ambiente propício a múltiplas aprendizagens.

A promoção de um ambiente adequado de aprendizagem envolve a capacidade de ajustar as tarefas ao nível de prática dos alunos, de tal modo que as tarefas não sejam muito difíceis, o que promove modificações às tarefas propostas, não sendo nem muitos fáceis, nem muito difíceis, tornando-as desafiantes, numa partilha constante.

Por exemplo, uma sequência de atividades – leitura de um texto, análise e interpretação a pares, apresentação ao grande grupo. Para esta opção estratégica, poderá haver técnicas diferentes das mesmas tarefas ou atividades. Por outro lado para uma mesma estratégia, noutro exemplo de atividade, podem escolher-se técnicas diferentes, como se segue na seguinte simulação:

Ilustração nr.4 - Planificação: Animais/Ambiente

Unidade sobre animais/ambiente (1º ciclo)
<p>Objetivos Curriculares</p> <ul style="list-style-type: none">• Área Estudo do Meio - Compreender a relação entre o modo de vida dos animais e seu ambiente natural;• Área Português: Texto informativo: ler, adquirir informação/ registar informação/ partilhar informação;• Desenvolver competências colaborativas; <p>Metodologia</p> <ul style="list-style-type: none">• Organização dos alunos: <p>Trabalho de grupo, onde os alunos estarão divididos por grupos de 5 alunos, distribuídos por mesas separadas, com os materiais disponíveis na sala e alguns trazidos pelos próprios,</p> <ul style="list-style-type: none">• Materiais: <p>Livros, panfletos, imagens sobre o animal escolhido por cada um (alguns trazidos de casa); visualização de imagens através do nosso mural e no computador da biblioteca, o nosso mural da sala;</p> <ul style="list-style-type: none">• Ações: <p>Trabalho de recolha de informação em materiais escritos e visuais, elaboração de cartazes para apresentar ao grande grupo sobre o seu animal escolhido;</p> <ul style="list-style-type: none">• Avaliação <p>Organização dos diversos trabalhos, conversa e posterior apresentação individual de cada aluno.</p> <p>O professor dará o seu parecer sobre a informação recolhida e fará uma avaliação sobre o conteúdo dos cartazes elaborados.</p>

Os objetivos pretendidos estão claramente formulados e têm a um conhecimento e o seu uso para uma competência mais abrangente (compreender uma regularidade de relações modo/vida ambientais) e estão expressos em termos da aprendizagem que os alunos deverão adquirir e manifestar. Na estratégia, esta não é visível, apenas se enumeram tipos de ações, mas nada sabemos do ponto de vista da promoção pretendida dos objetivos enunciados.

Importa compreender que é a conceção estratégica que orienta o trabalho para as finalidades e o reorienta pela avaliação. A estratégia, concebida e expressa com clareza, está dependente de diferentes intencionalidades.

Ambiente e Interação

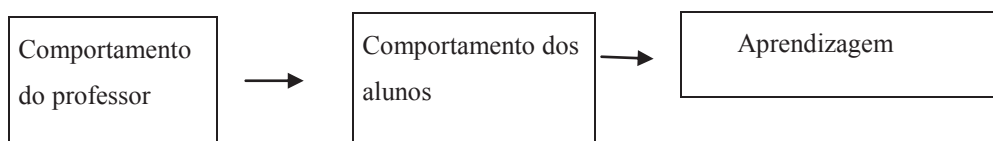
Para melhor compreender o processo de ensino/aprendizagem, explicando a influência do comportamento do professor nos resultados dos alunos, um novo foco de preocupações emerge: o estudo centrado no processo interativo de ensino na sala de aula, isto é, a eficácia pedagógica. A influência do ambiente e do envolvimento que decorre durante o processo de ensino/aprendizagem.

Assim, como refere Januário (1996):

(...) os comportamentos de organização e gestão de aula, ou os comportamentos de instrução do professor, demonstram influenciar decisivamente a natureza da participação do aluno na sala de aula. Por outro lado, a natureza, da participação do aluno na sala de aula revelou influenciar os conteúdos de aprendizagem conseguidos e, consequentemente, os seus resultados. (p.21).

É possível ainda caracterizar a eficácia do ensino através da participação do aluno nas atividades de aprendizagem, como mostra a Ilustração:

Ilustração 5 - A Participação dos alunos nas atividades



Importa compreender que é a conceção da estratégia que orienta o trabalho para as finalidades e o reorienta pela avaliação. A estratégia, concebida e expressa com clareza, está dependente destas diferentes intencionalidades, deverá ser diferente para cada uma delas, traduzindo-se na orientação diversa de cada tarefa, na escolha dos instrumentos para a sua realização e que encaminhem a atividade em vários sentidos. O mesmo implica, considerar a planificação como uma estratégia global à avaliação.

Por isso considero que as regras devem ser entendidas como uma fonte de enquadramento regulador das interações entre os diversos intervenientes, necessárias à segurança física e emocional. Estas, serão promotoras de uma maior atenção e participação e de um uso adequado dos equipamentos e dos espaços. É crucial, num ambiente de sala, gerir os aspetos disciplinares, envolvendo a explicitação e a justificação das regras, a sua negociação e a implementação de procedimentos justos e razoáveis.

Haverá, no entanto, a preocupação da seleção e adequação, a apresentação gráfica, a relação entre conteúdos escolhidos de acordo com a finalidade. Daí que estive sempre preocupada em reestruturar as minhas planificações de modo a torna-las mais significativas, como no exemplo que se segue:

Ilustração 6 - Planificação: Os seres vivos e o seu ambiente

<p align="center">Unidade sobre Animais/Ambiente À Descoberta do Ambiente Natural Os seres vivos e o seu ambiente (Reconstrução da planificação simulada no quadro nr. 1)</p>
<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Os seres vivos e o seu ambiente;</u> - Reconhecer características externas de alguns animais (revestimento do corpo bico, garras...); - Recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...); - Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo e classificá-los segundo o critério: animais selvagens; animais domésticos;
<p>Ações</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita;</u> <u>Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza</u> • Reconhecer alguns cuidados a ter com os animais; • Elaborar mapas de ideias com curiosidades sobre os animais; • Mobilizar conhecimentos prévios; • Distinguir texto e imagem; • Identificar o tema central; • Divididos em grupos de 5 alunos, procurar informação complementar com a ajuda da estagiária e professor; • Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais; • Reter informações a partir de um enunciado oral (um recado ou aviso).

<p>Avaliação</p> <p>É pedido a cada grupo, para o professor poder ajuizar da sua apropriação dos objetivos, que realize individualmente, um trabalho com o seu animal escolhido e depois cada porta-voz, apresentará aos restantes grupos o registo individual escrito ilustrado que manifeste o conhecimento de um animal em particular</p>

Na realidade, o desdobramento em passos ou etapas, é necessária para a operacionalização da ação, mas só ganha sentido se concebido no interior de um processo estratégico que é essencialmente integrado e depende justamente da consistência do fio condutor que articula e dá sentido às partes no interior do todo.

Deste modo, Januário (1996), salienta que:

(...) as preocupações atuais de pesquisa sobre o ensino têm procurado «descrever, compreender e explicar os factores e as condições que, nos contextos mais diversificados e considerando os vários domínios de desenvolvimento do educando, favorecem e promovem o sucesso pedagógico e, por outro lado, em conhecer os objectivos do professor, as suas intenções e propósitos, a fim de interpretar e compreender o significado da sua actividade. (p.26).

No episódio seguinte, nota-se que, o aluno está envolvido e interessado na tarefa sendo responsável pelo seu próprio trabalho, tornando-o mais significativo. (PL nr. 3 Anexo II), como a nota de campo a seguir documenta:

D.C.: - Carla, podemos agora tentar construir este trabalho com o que já sabemos dos animais que falámos?! Temos no placard muitas informações!

Estagiária: Sim, vamos fazendo esse trabalho visualizando com atenção e lendo com atenção o que está no mural sobre os animais e diferentes características!

T.M.: - Eu já escrevi muitas coisas, porque estive a ler e a rever o que colocámos no mural e o meu desenho quase que ocupou a folha toda!

Estagiária. – Estiveste com atenção a todos os pormenores?

T.M.: - Sim! Acho que tenho tudo certo! (Nota de Campo nr. 1, 13/02/2013, Anexo I/PL nr. 3 Anexo II).

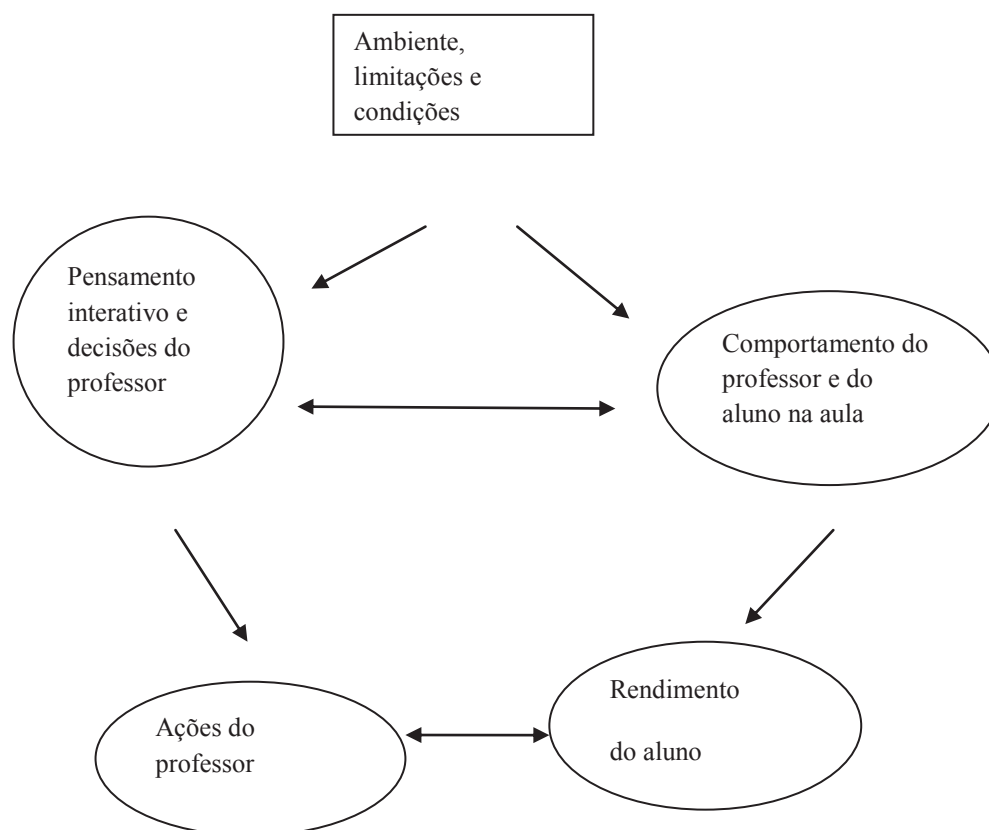
Os alunos desenvolvem competências cognitivas elevadas e desenvolvem o pensamento crítico, diferindo de promover a compreensão mínima de um fenómeno ou o simples uso da memorização/reprodução.

Perguntemo-nos em cada planificação, como refere Roldão (2009),

(...) O conceito de ensinar, entendido como ação dirigida à promoção da aprendizagem de alguma coisa por alguém, é em si mesmo uma ação estratégica, já que requer que se planeie ação adequadamente de forma a alcançar, para cada aprendente, a aprendizagem pretendida. (p.67).

Poderemos então definir e esquematizar os pressupostos tóricos desta ação da como se esquematiza adiante.

Ilustração 7 - Ambiente de Aprendizagem



Como podemos observar, estão representados os processos de pensamento do professor e os efeitos observáveis na sala de aula. Como refere Januário (1996), “(...) os

processos de pensamento do professor respeitam às cognições e às tomadas de decisão, querendo significar que muito do que o professor faz depende da forma como concebe, como pensa e como decide. “ (p. 27).

Um ambiente facilitador da aprendizagem pressupõe uma atmosfera e um meio favorecedor, no qual a qualidade das relações interpessoais é considerada o principal fator. Como referem Sprinthall & Sprinthall (1993), “(...) a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da integração na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do aluno. “(p. 324).

Podemos, certamente, dizer que a construção do grupo/turma se faz à medida que os intervenientes neste processo se vão conhecendo. Como refere Vieira, (2000) “(...) O clima da sala de aula resulta da interacção destas variáveis e é o clima criado na turma que ajuda a determinar o grau de cooperação e o envolvimento dos alunos na aprendizagem. “ (p.39).

O que está em causa não é apenas a mestria da concretização, mas as várias capacidades que o conteúdo aciona, como nos diz Januário (1996):

A investigação tem ainda demonstrado que o planeamento organiza a estrutura geral da aula, influencia as decisões sobre conteúdos, em termos da selecção, sequencia e tempo atribuído a cada matéria e ou substantivos. A investigação sugere que, quando os alunos estão motivados e conseguem estabelecer relações positivas com os seus pares, terão provavelmente uma trajectória escolar mais positiva. Segundo a teoria da vinculação, uma das teorias que serve de suporte teórico a este modelo, quando os adultos fornecem um ambiente seguro, consistente e previsível aos alunos, estes tornam-se mais autoconfiantes e sentem-se mais capazes de correr riscos, tendo maior disponibilidade para se envolver em aprendizagens que implicam maior esforço e dedicação. (p. 49).

Este aspeto põe em relevo a importância do estabelecimento de relações significativas e responsáveis entre o professor e o aluno. A consideração pela perspectiva dos alunos, através da criação de oportunidades para estes expressarem as suas ideias e assumirem a responsabilidade de algumas funções no seio da aula, é também aludida e tem o seu fundamento na teoria da autodeterminação, que sugere que os alunos estão mais motivadas para aprender quando as suas necessidades de se relacionarem positivamente

com os outros, de serem competentes e de realizarem ações por sua própria iniciativa são respeitadas como na NC que se segue:

T.M. - Carla, ainda bem, que vamos fazer estas máscaras, eu já tenho ideias para isto há muito tempo! E podemos agora gastar os materiais que temos!

Estagiária: - Sim, vamos reciclar, já sabem, vamos para aquelas mesas, onde podemos estar perto de todo o material necessário!

M.R: - Olhem aqui, eu tenho os meus olhos bem recortados, vou ser uma princesa com esta máscara, vou pôr tecido aqui por trás. A Princesa que conseguia fazer magia, como na história que fizemos em grupo, que está naquela parede!

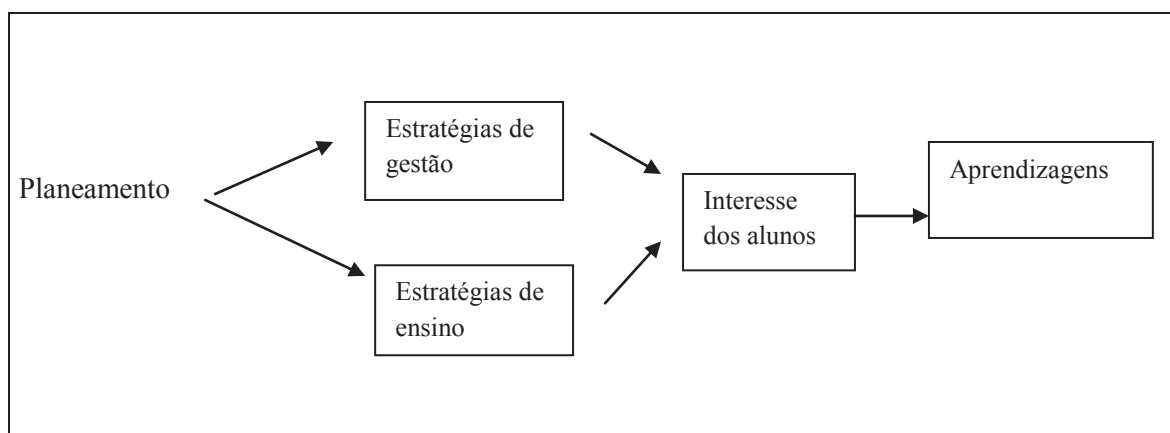
Professor: Quero ver esse resultado! Acho que podemos tirar uns modelos deste livro!

D.N: - Posso fazer um chapéu, como aquele do placard, eu adorei aquele!

Estagiária: - Que ideias giras que tiveram! Precisas de ajuda D.N? (N.C. nr.2, 18/12/2012, Anexo I/ PL nr.2 Anexo II)

Verifica-se deste modo que, ao planear (PL nr.2, Anexo II), julgo ter conseguido ser melhor gestora do tempo de aula e da organização da turma, possuindo mais variedade de atividades de aprendizagem que respondem às expectativas dos alunos, e que estão ligadas ao comportamento do professor e aos processos de aprendizagem do aluno o que torna o ensino/aprendizagem mais eficaz.

Ilustração 8 – Planeamento e Aprendizagem



O primeiro passo a considerar para qualquer análise ou construção de uma estratégia de ensino consiste em estabelecer quais as operações e dispositivos que, do lado do professor que concebe a estratégia, lhe permitem concretizá-la com passos estruturadores do processo concebido no seu todo, como se segue no seguinte quadro ilustrativo:

Ilustração 9 - Construção de uma estratégia de ensino.

Analisa	Analisa a relação do objetivo/conteúdo com a situação dos alunos, as dificuldades previsíveis, as potencialidades favoráveis, a ligação com os interesses e características contextuais.
Integra	Integra cada unidade no que antecedeu e na sequência futura, cada unidade no conjunto das aprendizagens e experiências do aluno.
Coloca Hipóteses	Coloca hipótese inventando modos possíveis de organizar a estratégia e compara as suas eventuais potencialidades face à situação analisada.
Seleciona	Seleciona, escolhe, de entre as opções possíveis, que são de natureza didática, as que face ao contexto, oferecem maiores possibilidades de ter sucesso, para melhores aprendizagens.
Organiza	Organiza, através da observação e experimentação, para operar nos diferentes passos (atividade e tarefas, espaço, tempo, intervenientes e recursos).
Decide	Decide e gere todo o processo de desenvolvimento posto em prática, gerindo as estratégias, analisando o confronto dos objetivos com as competências visadas.

Penso que a análise é a dimensão mais crítica, porque dela depende a orientação de todos os passos subsequentes e os fundamenta, quer do conteúdo de aprendizagem e sua importância curricular, quer da situação dos aprendentes na sua diversidade de situações e percursos, e, consequentemente, a identificação das metas que o ensino daquela unidade visa, para encontrar estratégias que melhor possam alcançá-las.

Há que ser analítico e objetivo, para que as informações colhidas nesta fase sirvam de facto como base para as decisões subsequentes relativas à estratégia a utilizar. A organização analítica dos passos é necessária para demonstrar, usar e comunicar um processo estratégico, mas a ação exige o domínio de uma lógica que se ajuste e integre.

Parece-me importante aqui deixar um exemplo de estratégia para um dado conteúdo de aprendizagem

Ilustração 10 - Estratégia de aprendizagem sobre alimentação saudável

Objetivos: Os alunos deverão compreender e saber usar no quotidiano, as características de uma alimentação saudável e seus fundamentos.

Estratégia: Pedir aos alunos que descrevam as refeições de um dia e os seus elementos. Em pares ou em grupo, comparam e registam por ordem, os alimentos que costumam consumir em maior e menor quantidade (possibilidade de aplicar conceitos simples de cálculo). Seguidamente confrontam as suas escolhas com a “Roda dos Alimentos” e assinalam as áreas em que as suas refeições cumprem ou não os equilíbrios recomendados. A estagiária explica a utilidade de cada alimento, através da imagem da roda dos alimentos e pede aos alunos que registam numa grelha, previamente distribuída, as razões dessa escolha.

Avaliação: Pedir para os alunos criarem uma ementa semanal, que respeite os princípios aprendidos. Avaliar de acordo com os critérios, dialogando com os alunos sobre os aspetos mais e menos positivos.

Comunicação de resultados: Pedir que analisem e confrontem as situações que escolheram com a “Roda dos Alimentos”. Esta perspetiva é mais rica e assegura a solidez dos fundamentos, evitando uma leitura mecânica ou opinativa. A avaliação corresponde às finalidades, já que me permite verificar a aquisição dos conceitos e conteúdos na utilização em situações reais.

Com o intuito de diversificar as abordagens realizadas ao tema da alimentação, optei por planear uma actividade que envolvia a consulta de uma página na Internet e com a “Roda dos Alimentos” exposta na parede da sala. (PL nr. 1, Anexo II).

Para os alunos do 1º ano, a tarefa de manipular as teclas, ainda traz algumas dificuldades, mas com algumas visitas realizadas até à biblioteca durante o período escolar, onde por vezes era dada a hipótese de desenvolverem a prática nas novas tecnologias, foi possível adquirir conhecimentos e aumentar a prática no seu manuseamento.

Nesta aula, o recurso às novas tecnologias permitiu o acesso e contacto com materiais reais de excelente qualidade. Foi-lhes mostrado a imagem da “Roda dos Alimentos” e um pequeno vídeo sobre excessos alimentares prejudiciais à saúde e também sobre higiene oral. Este tema muito vasto, proporcionou que o grupo dialogasse sobre imensos aspetos e ao mesmo tempo falou-se de hábitos praticados em casa, que não eram os melhores.

A seguir foi mostrado aos alunos imagens acerca da higiene oral, aproveitando o projeto efetuado “Bem Comer e Bem Escovar”, programa elaborado pelas escolas para sensibilização da higiene dentária, percebemos a razão da importância de uma higiene dentária ao longo do dia. As imagens mostravam como deve ser feita uma lavagem oral correta, sensibilizou para o aspeto importante de os dentes embelezarem a boca e servirem ainda para cortar e mastigar alimentos.

Com a tarefa seguinte pretendia-se a que os alunos elaborassem um registo individual sobre todo o conhecimento adquirido incluindo algumas curiosidades que cada um quisesse escrever. Aqui também se trabalharam aspetos da língua materna desenvolvendo a oralidade e a escrita. A aula decorreu na Sala da Biblioteca, equipada com suficientes computadores que permitiram o acesso à informação. Tal como durante qualquer outra actividade, revelou-se imprescindível acompanhar as ideias e comentários de cada aluno:

C.B: - Carla, eu achei divertido fazer ementas assim no computador! Víamos logo se era saudável comer algumas coisas!

M.H: - Eu ainda não sei bem ver como se vai até ao alimento, mas nos livros da biblioteca, encontrei isto!

Estagiária: - O quê?

M.H – Este livro fala da Roda dos Alimentos e mostra o corpo humano! Diz aqui que devemos comer várias peças de fruta num só dia! Eu prefiro ler, agora já sei que ementa, vou desenhar! (Nota de campo nr. 3, 23/11/2012, Anexo I/ PL nr. 1 Anexo II).

Outra das tarefas, para esta área, foi criar diferentes momentos de trabalho com o mesmo objetivo: avaliar a compreensão leitora.

Para além do recurso a audiovisuais, houve outras estratégias utilizadas que passaram pela música, teatro e expressão plástica usando os materiais disponíveis em sala de aula (jogos de exploração) promovendo a oralidade de modo a que adquirissem mais competências na área da comunicação.

Nesta nota de campo é bem visível a expressão e o imaginário dos alunos:

D.C: - Eu adoro fazer estes exercícios! Carla, podemos pôr mais este banco que está ali também? Assim andamos mais tempo por cima e treinamos ainda mais o equilíbrio!

Estagiária: - Sim! Ajudem-me a colocá-lo ali! Obrigado! Agora vamos começar a nossa aula!

M.L: - Agora posso ser eu a escolher as filas Carla!? São três filas vou usar estas linhas que estão no chão para formar as filas!

Estagiária: - Hoje sim podes ser tu! Tínhamos combinado que era por ordem alfabética, já sabias que eras tu! (Nota de campo nr.4, 04/01/13, Anexo I/ PL nr.4 Anexo II).

De facto, fazer um movimento é dar vida ao nosso corpo. É ele que nos permite o auto conhecimento, o contacto com os outros e com tudo aquilo que nos rodeia. É portanto, a nossa principal forma de expressão. A voz também pode ser usada diferentemente consoante os espaços: na sala de aula, em casa, no recreio, sozinho, no ginásio sendo também uma forma de expressão e consequentemente de comunicação.

Revelou-se extremamente importante variar não só os métodos de trabalho como os materiais usados e as atividades propostas.

Numa outra aula planificada, os alunos entraram na história através do visionamento de um curto filme de animação encontrado *online* que conta uma história sobre as profissões, onde cada um pode imaginar-se na profissão que quer ser no futuro. Após o trabalho de alargamento de vocabulário relacionado com as profissões, o visionamento do filme permitiu a realização de uma pequena actividade de registo.

É de salientar que todos estes momentos foram sendo cuidadosamente pensados e a minha preocupação esteve sempre centrada na capacidade de proporcionar um bom ambiente para que os alunos se sintam motivados e interessados por aprender. No entanto, é necessário não esquecer a definição de regras claras que têm de ser cumpridas e a adoção de estratégias e metodologias inovadoras para tornar as aulas mais interessantes.

Para tal precisei de tempo para me preparar e preparar os materiais e instrumentos auxiliares. Só assim, julgo que consegui um ensino de qualidade e direccionado para as necessidades dos alunos.

O modelo pedagógico que eu elegeria para a concretização das aulas, seria o modelo em que os alunos pudessem comunicar dado ter verificado que se adequou melhor aos conteúdos, aos objetivos, e ao nível linguístico dos alunos. No entanto, o recurso à imagem e ao audiovisual, também foi muito estimulante para os alunos desta faixa etária, permitindo que a abordagem de vários temas pudesse ser feita das mais variadas maneiras, evitando assim também a rotina, o cansaço e desmotivação do grupo.

Uma das abordagens com uma dinâmica e diferente, revelou-se extremamente importante, particularmente no trabalho com o Cuisinaire posteriormente identificado por quase todos os alunos presentes (PL nr. 6, Anexo II).

Se a abordagem não tivesse sido feita mediante a exploração do material didático, em grupos de cinco alunos a aula teria funcionado de modo diferente e provavelmente não teria cativado tanto os alunos nem teriam adquirido tantos conhecimentos. A tarefa proposta consistiu na decomposição do nº.10,. Teve como objetivo a comunicação matemática - a transversalidade da língua portuguesa - onde os alunos tiveram de se exprimir por iniciativa própria, respondendo a questões (representar números, dar exemplos de diferentes representações para o mesmo número e elaborar raciocínios) usando a escrita e a oralidade.

Mantive-me atenta, questionando e orientando os alunos para construírem o máximo de sequências numéricas. Porque um dos meus objetivos também era estimular os alunos à participação, incentivando-os a intervir:

M.M: - Eu vou fazer o máximo de comboios dentro da estação e vou pintar esses comboios na folha quadriculada!

R.N: - Eu já comecei a pintar os meus e estou a tentar não usar as peças brancas, para ver quantos vou construir!

Estagiária: - Sim, pode ser uma estratégia, a seguir podes fazer comboios sem usar a peça vermelha! Mas será que consegues?

M.H:- Boa! Não tinha pensado nisso ainda! (Nota de campo nr. 5, 29/01/2013, anexo I/ PL nr.6 Anexo II).

O facto de existir um manual adotado nas diferentes áreas fazendo com que o aluno saiba previamente qual o tema que vai abordar, o texto que vai ler ou os exercícios que vai realizar no âmbito das aulas correspondentes, os trabalhos planificados propostos, favorece outros caminhos que tornam as aulas mais dinâmicas e motivadoras.

Os temas que podem e devem ser trabalhados no contexto de sala de aula dependem claramente dos objetivos de aprendizagem estabelecidos e de fatores relacionados com as características do grupo.

É relevante ainda, o objetivo do uso das tecnologias e métodos para alargar o vocabulário, com jogos de expressão para transmitir conteúdos programáticos e servir como actividade de motivação para atividades posteriores.

Mas sendo que o objetivo do uso de um trabalho sobre provérbios é trabalhar conteúdos comunicativos, serão os seus conteúdos escritos cujo os mais variados textos, motivo demasiado pesado para trabalhar com alunos tão novos? A resposta poderia ser sim, no caso de trabalhar objetivos, consistir em transmitir aos alunos dados históricos, dizeres do passado, o que não deixaria de ser interessante, quando falássemos de hábitos de outras épocas. No entanto, a utilização deste tema teve como principal objetivo trabalhar alguns conhecimentos a origem dos provérbios é atribuída à sabedoria popular, faz parte do folclore dos povos, assim como as lendas, os mitos, as superstições e as canções, traduzem

conhecimentos e crenças. Nascido no seio do povo, reflete usos e costumes de uma nação, incorporando-se no folclore nacional.

Para os alunos que não leem e escrevem convencionalmente, as atividades de leitura e escrita com estes e outros textos, são materiais que proporcionam aos alunos competências a vários níveis, ele sabem, porque memorizam, favorecem avanços nas hipóteses deles a respeito da língua escrita.

Provenientes da experiência popular, do senso comum, esses textos lidam com os interesses primários do homem, como: o amor e a luta, a saúde e a doença, a juventude e a velhice, a fome e o alimento, o trabalho e a brincadeira. O seu efeito é ensinar, elogiar, persuadir, convencer, para prevenir, advertir, restringir ou desencorajar atitudes. Ao colocar o desafio de trazerem provérbios escritos de casa, como um pequeno trabalho de casa, também colocamos a família participar e a promover novos conhecimentos sobre tempos mais antigos, fazendo uma ponte entre a escola e os pais.

Penso que, uma das características dos alunos nesta faixa etária, é que estes se sentem bastante estimulados por temas que não sejam demasiado infantis encontram-se numa fase de transição entre o pré-escolar e a escola e deste modo interessam-se por temas mais sérios se estes forem abordados de forma lúdica. Para além disso, trabalhar aspetos relacionados com a sociedade e a marca cultural do povo nativo da língua alvo revela-se essencial.

Durante a preparação das aulas que viriam a ser lecionadas, também me ia deparando com algumas dificuldades, nomeadamente na motricidade. Contudo, optei por eleger momentos lúdicos relativamente às planificações de ginástica, onde a participação ativa dos alunos nestas aulas, poderia contribuir para os seguintes objetivos.

- Atitude corporal correta;
- Maior domínio de movimentos;
- Desenvolver e fortalecer os músculos e articulações;
- Melhorar o funcionamento do coração, pulmões e sistema nervoso;
- Ter iniciativa e responsabilidade, enfrentando as dificuldades;
- Conviver e colaborar com os colegas;
- Cumprir as regras impostas nas aulas;

- Conhecer e aceitar os seus pontos fortes;
- Educar a sua vontade, aumentando a capacidade de concentração;
- Cuidar da sua higiene pessoal, criando hábitos diários corretos;

Correr, saltar e rolar são práticas, que, usadas com consciência, permitem que a criança saiba dominar o seu corpo e ao mesmo tempo, permitem reações a estímulos. Orienta-os espacialmente e com mais agilidade, tendo a noção de espaço onde se desloca. Foi neste contexto de deslocamentos que planifiquei as minhas aulas porque senti necessidade de investir na concentração e no equilíbrio (PL nr. 4, Anexo II).

Penso que lhes proporcionei capacidades que transporte para outras áreas, como: Matemática, Estudo do Meio e também para o Português.

Afinal o papel do professor não é limitar mas, abrir horizontes. Tornar a sala de aula transversal a outras áreas enriquece todo o processo de ensino/aprendizagem, abrindo novas perspetivas relativamente ao outro e ao seu modo de vida e assim abrindo espaço à diversidade e à aceitação da diferença, conduzindo a um melhor conhecimento do próprio eu e criação da sua própria identidade.

Os materiais manipuláveis, tem um papel importante na aprendizagem da geometria e medida. Permitem estabelecer relações e tirar conclusões, facilitando a compreensão de conceitos. A planificação sobre o peso e a medida (PL nr. 5, Anexo II), também teve a participação motivante dos alunos. Todos estiveram motivados perante os resultados. Houve expectativas na organização e tratamento de dados, porque alguns alunos consideravam-se mais altos e outros mais baixos que certos colegas. Em relação ao peso constou-se a mesma coisa.

Neste exercício, os alunos usaram a fita métrica e a balança para preencher a tabela. No final refletimos sobre o trabalho efetuado. Note-se que anteriormente os alunos já tinham efetuado medições com a régua, explorando situações concretas. A vivência de experiencias que envolvam a realização de estimativas de medida deve ser valorizada desde os primeiros anos. A aprendizagem de estratégias de estimação e a comparação das estimativas com as medidas obtidas através de instrumentos apropriados desenvolve nos alunos a capacidade de ajuizarem acerca da razoabilidade das suas respostas. Por exemplo estimar a altura de uma porta, ou de um armário, são tarefas que podemos propor,

utilizando unidades de medida e que contribuem para a consolidação de conhecimentos acerca do que significa medir. Para isso a ajuda da reta numérica colocada na parede da sala é um apoio extremamente importante, para o aluno poder fazer as suas estimativas, refletindo.

G.S: - Olha, já medi o meu estojo e acho que mede 15,3 centímetros! A minha régua é de 20 centímetros!

D.C: - Então sobra-te quanto?

G.S. – Vou tentar contar! Primeiro conto os centímetros e depois os tracinhos que sobraram! Parece que sobram 4 centímetros e agora conto os tracinhos que são 7... Sobra-me 4 centímetros e 7 milímetros!

Estagiária: - Os tracinhos são milímetros! Cada dez tracinhos são 1 centímetro!

G.S: - Ok! Então o meu estojo mede 153 milímetros!

M.N: - Mas como fizeste essas contas?

G.S: - Então, contei de 10 em 10! Cada 10 tracinhos dão 1 centímetro! A régua só tem os números dos centímetros! A reta numérica está de 5 em 5 e é a mesma coisa, podes contar de 10 em 10 se quiseres! Eu ajudo-te a contar ...! (N.C. nr. 6, 16/12/2012, anexo I/ PL nr. 5).

Deste modo, o professor deve ter em vista o objetivo da sua aula e o crescimento dos seus alunos. Por exemplo: Estimular o conhecimento e aceitação de diferentes sociedades e costumes pode passar pelo conhecimento de rotinas diferentes. É possível trabalhar várias áreas, através de uma simples história e transversalmente atingir pontos de conhecimento onde se quer chegar como, as cores, que são observáveis na história, paisagens, a matemática, olhando para figuras que se pareçam muito com figuras geométricas, ou até mesmo o simples fato de apreciar obras de arte decorativa como: azulejos, bordados, tapetes, podem entusiasmar os alunos a explorarem aspetos relacionados com simetrias e pavimentos de uma calçada, por exemplo, apercebem-se da beleza visual que matemática pode proporcionar.

Outro dos momentos interessantes teve a ver com a abordagem ao dinheiro, a partir de uma situação que surgiu num problema do manual de matemática. Achei que era interessante proporcionar exemplos, usando material manipulável, moedas e notas que foram elaboradas para estas situações, para experienciarem. Desta forma, como tínhamos o

material na sala de aula, achei que seria engraçado realizar um trabalho com recortes dos panfletos de supermercado, de onde foram retiradas imagens de alimentos. A seguir foram colados em cartolina e por trás colocámos um preço, preço, esse, que foi calculado cuidadosamente com o grupo de alunos, momento onde se trabalharam as estimativas, dando para me aperceber da percepção que adquiriram.

Penso que, perante algumas atitudes, os alunos mostraram maior satisfação no trabalho em grupo, embora em situações individuais, me apercebesse melhor das suas dificuldades, no entanto as tarefas não se tornaram tão competitivas, tendo igualmente atitudes mais positivas em situação de conflito.

O facto de trabalharem em situação de grupo, também promoveu uma maior aceitação uns dos outros em relação às suas diferenças, o que julgo ter sido um dos motivos para adotarem maior habilidade e melhores relacionamentos entre eles.

Sendo assim, perante tantas situações observadas e estratégias propostas, penso que cabe aos professores alterarem o ambiente em sala de aula, em função de o tornarem mais apelativo proporcionando motivação, envolvimento entre professor e alunos em processos mais democráticos por oposição aos autoritários.

Considerações Finais

Neste capítulo, a partir da Prática de Ensino Supervisionada e a partir das bases dadas pela disciplina curricular de investigação Educação coube-me refletir sobre o caminho percorrido pelo estágio, pela observação, pelos meios que tive ao meu alcance para estabelecer com os alunos um ambiente, e pelo desafio de proporcionar melhores e mais saudáveis momentos de aprendizagem.

A partir da reflexão das notas de campo que recolhi durante o estágio e da problemática, fica a certeza da importância de conhecer a realidade de uma instituição escolar.

Pretendi mostrar, como o professor consegue arranjar estratégias promovendo um ambiente de aprendizagem produtivo caracterizado por um clima geral onde os alunos se sentem a si próprios e aos seus colegas de forma positiva, onde as suas necessidades individuais são satisfeitas para que eles persistam nas tarefas escolares e trabalhem

cooperativamente com o professor e onde os alunos possuem as competências interpessoais e de grupo indispensáveis para cumprir as exigências da vida na sala de aula.

O meu papel de mediadora durante as interações, foi constante, pois foi o salto para me relacionar com o grupo e perceber como o ambiente proporcionado era promotor em aprendizagens. Percebi também que para atingir aquele patamar, muito teria que refletir perante as minhas planificações, onde a motivação era um dos meus objetivos, para manter o interesse dos alunos.

O clima de sala de aula e o ambiente que se tenta criar, não são mais senão, o espírito de sala de aula, a atmosfera que se cria, a interação das necessidades e os motivos individuais com os papéis e as expectativas institucionais.

Foi necessário recorrer a vários autores para consolidar a minha problemática, para esclarecer as questões a que me propunha, encontrando o caminho para promover bons ambientes de aprendizagem. Citando Moreira & Valadares, baseando-se em B. Wilson (1996):

Um bom ambiente de aprendizagem pode ser considerado como “ todo o envolvimento em que determinados aprendentes trabalham em conjunto e se apoiam uns aos outros à medida que vão usando uma variedade de ferramentas e fonte de informação na senda orientada de objectivos de aprendizagem e de actividades de resolução de problemas. (p.88).

É importante estabelecer um bom ambiente de aprendizagem, onde haja boas relações afetivas, com uma estrutura organizacional (espaço físico, tempo e materiais) e onde a relação pedagógica e as estratégias de “bem-estar”, aconteçam num ambiente saudável.

No decorrer deste caminho que propus tomar, segui uma metodologia qualitativa e interpretativa, sendo uma observadora constante participativa e não participativa.

Neste estágio, também pude tirar algumas conclusões em que a motivação e as aprendizagens são influenciadas pelos tipos de processos estruturais que os professores criam em determinadas salas em determinados momentos.

Depois de analisar os dados recolhidos através de notas de campo, planificações e fundamentação teórica, tentarei responder às questões a que me propus.

No entanto, também na minha observação pude constar a importância entre o comportamento dos professores, o envolvimento dos alunos e as respectivas aprendizagens, reagindo positivamente e persistentemente nas tarefas escolares.

Após determinarem os objetivos e conteúdos do programa que os professores criaram para os seus alunos, os professores devem voltar-se para o ambiente de aprendizagens. Criam uma organização sequencial de rotinas diárias, dividem as crianças em grupos que se podem manejar e organiza-se a sala de aula para que os alunos possam fazer uso dos espaços, materiais e equipamentos. O desenvolvimento da autonomia é estimulado ao ensinarmos as crianças a assumirem responsabilidades e ao mesmo tempo proporcionamos-lhes segurança e orientação. Como refere SpodeK, & Saracho, 1998: “(...) o planeamento a curto prazo lida com muitos detalhes do ensino do dia-a-dia, e os objectivos a curto prazo, são antecipações dos resultados de actividades específicas, que devem estar relacionadas às metas a longo prazo.” (p.122).

As atividades podem ser revistas antes de serem dadas em sala de aula, não devendo seguir escrupulosamente como estão nos manuais. O professor deve e pode influenciá-las, fornecendo os materiais, o tempo necessário, na direção delas. Ainda na mesma linha de pensamento destes mesmos autores:

(...) O professor deve planejar o programa de forma que as crianças se envolvam nas muitas áreas do currículo. A sala deve estar organizada de modo a que diversas actividades tenham um espaço, os materiais e os equipamentos necessários á disposição, para que possam acontecer simultaneamente sem interferirem umas com as outras. (p.124)

Os passos do planeamento pedagógico passam por estabelecer competências a desenvolver, necessidades do aluno, conteúdo a ser aprendido. É preciso considerarmos as razões básicas para as suas escolhas, do que simplesmente ensinar. As competências a desenvolver são cruciais para o processo de planeamento, muito amplas ao mesmo tempo muito específicas. Palavras como ação, como escrever, colher, tocar, dizer, cortar, são úteis na descrição de objetivos. Estas deverão ser suficientemente claras para ajudar o professor a desenvolver estratégias de ensino e avaliação. Foi neste ambiente criado que procedi a observações para avaliar as práticas de sala de aula, a maioria das quais foi criada por mim, para poder observar todas as interações entre o grupo.

Spodek & Saracho (1998), referem: “() existem algumas técnicas simples que os professores podem usar para analisar as suas próprias turmas, que podem oferecer informações úteis, ainda que limitadas, para serem usadas para melhorar as oportunidades pedagógicas oferecidas para as crianças.” (p.190).

Para selecionar um conjunto de materiais entendi que era importante entender os seus objetivos, a sua função e analisá-los de forma cuidadosa. Só a análise oferecia a base para julgamentos sólidos sobre a qualidade e a adequação de cada produto.

Seguindo algumas estratégias pedagógicas, efetuei de imediato passos onde fosse possível que os alunos adquirissem as competências desejadas, por exemplo: a divisão da sala em áreas, uma área de construção com blocos, a área dos livros, um espaço onde se pode fazer pequenas dramatizações, um espaço destinado a atividades de motricidade ampla, materiais para manipulação, oferecendo momentos de audição de músicas e até dança, inclui atividades de culinária. Mantendo todas as condições necessárias, reservei algum tempo na rotina diária, como antecipadamente já tinha observado nos momentos de ação do professor. Dentro desses moldes alternei atividades calmas com outras mais agitadas, algumas transições nas aprendizagens, brincadeiras na sala e ao ar livre, atividades motoras finas e amplas, algum equilíbrio entre atividades sugeridas por mim e pelos alunos, o descanso, por que não.

Até a refeição a meio da manhã constituiu uma forma de partilha e de posteriores aprendizagens nas planificações efetuadas, a participação pessoal e as habilidades de escuta das crianças, promovendo a comunicação entre adulto e criança, criança e criança, por fim encorajar as crianças a explorarem, experimentarem, questionarem e construir conceitos.

A área ao ar livre onde as crianças brincam, precisa ser tão cuidadosamente, planeada quanto a área interna. As áreas externas estimulam as atividades motoras amplas, o que traz sempre desafios para as crianças. O clima predominante vai determinar que tipos de atividades ao ar livre serão oferecidos. Como nos diz Spodek & Saracho (1998) “(...) a divisão do pátio em zonas permite a organização do espaço de forma a estimular diferentes tipos de actividades. “ (p.132).

Cada turma, tem as suas necessidades específicas, é útil saber que materiais e equipamentos são geralmente usados em sala de aula. As mesas de formatos diferentes são ótimas aliadas em usos variados, como para trabalhos manuais, culinária ou até mesmo para o grupo se unir a lanchar, nos dias que não podem ir lá para fora. O mesmo acontece com as cadeiras, com o seu formato proporcional, para serem empilhadas, quando não estão a ser usadas.

Por vezes as crianças ficam muitas horas na escola, é bom que os equipamentos proporcionem momentos de descanso, de silêncio.

Quanto à rotina diária, existem horários para as atividades de cada dia. As crianças aprendem a antecipar eventos futuros através da regularidade das ocorrências diárias. Convém pois, que exista uma flexibilidade de rotinas, sendo que, por vezes, as conversas poderão estender-se além dos 45 minutos, embora só tenham sido reservados 20 minutos, sensivelmente.

Os alunos não terão que se envolver em todas as áreas obrigatoriamente, é preciso considerar o equilíbrio a longo prazo. Uma das alternativas para a divisão do tempo, poderá ser, ou um longo período de atividades, mantendo os alunos sempre ocupados, pois elas, passarão a ter melhores aproveitamentos escolares em oportunidades de aprendizagem individualizadas.

Uma forma melhor, de lidar, com diferenças individuais ao nível primário, é agrupar os alunos para trabalhos. Por exemplo, organizar três ou quatro grupos de alunos para a leitura, podendo o professor trabalhar com um grupo de cada vez, ouvindo cada um ler em voz alta, treinar a dicção, e a escrita.

Os professores são o fator mais importante na determinação de como os alunos se sentem em relação à escola, a si mesmas e umas às outras, assim como o progresso que fazem e como se aceitam em relação as habilidades diferenciadas umas das outras.

Os professores deverão ser alegres e apreciados pelos seus alunos. Como refere SpodeK & Saracho (1998), “(...) os professores devem conseguir manter a calma nas crises e ouvir as crianças sem se tornarem autoritários ou defensivos, evitar conflitos e manter uma orientação de solução de problemas em suas salas de aula.” (p.149). Podemos usar várias estratégias para direcionar a turma. As características para manter uma

atmosfera ambiental saudável incluem comportamentos positivos, compreensão e conhecimento sobre problemas de comportamento e suas soluções.

Coube-me criar ambientes aprazíveis, onde acontecessem aprendizagens produtivas, aumentando a motivação dos alunos encorajando o desenvolvimento do grupo.

Para os Schmuck, citados por Arends (1995) “ Os climas de sala de aula positivos são criados pelos professores quando ensinam aos alunos importantes competências interpessoais e de processos grupais e quando ajudam a turma a desenvolver-se enquanto grupo”. (p.112)

“O importante a reter é que as estruturas na sala de aula influenciam os pensamentos e as ações dos participantes na turma e ajudam a determinar o grau de cooperação e envolvimento dos alunos” (idem, p.114).

O ensinar e o aprender são influenciados pelas estruturas de participação na sala de aula. Estas podem incluir o modo como os alunos aguardam a sua vez durante as lições em grupo e a forma como colocam questões e respondem às perguntas do professor.

Como refere Arends (1995): “ A principal descoberta é a de que ambientes caracterizados pelo respeito mútuo, padrões elevados e uma atitude atenta levam a uma maior persistência dos alunos do que noutros ambientes”. (p. 116)

Durante o processo investigativo, a interação com os professores, auxiliares e todos os alunos, foi extremamente enriquecedora. Mantive a minha postura de observadora e atuei mais tarde à vontade, sabendo das adversidades que poderia encontrar pela frente, numa sala com alunos de 1º ano, com quem nunca tinha contactado. Pude vivenciar rotinas e realizar várias atividades, tentando sempre cativar ao máximo, de acordo com as estratégias escolhidas, todo o grupo, com a sempre presente preocupação de lhes proporcionar um ambiente estável e rico de experiências e conhecimentos.

Nestes momentos, tive a noção da extrema importância da formação contínua e aprimorada na área, que um professor deve ser um pesquisador e deverá passar esses valores para os seus alunos. Penso, que só assim, conseguiremos que as nossas crianças de hoje, se tornem jovens conscientes e felizes do amanhã.

Neste trabalho e depois de alguma pesquisa de leitura, parece-me efetivamente coerente que é o professor, o elo mais importante para que haja um bom ambiente de aprendizagens, no entanto, as estratégias terão de ser pensadas, rigorosamente, ao pormenor.

Para isso é importante que o docente estruture a aula de modo a que os seus aprendizes saibam sempre o que fazer, como e quando fazê-lo, valorizando os objetivos escolares que se pretendem atingir.

Os professores eficazes devem, desenvolver uma atitude de flexibilidade e de experimentação sobre estas características de vida na sala de aula, tendo em consideração que cada aluno é diferente e portanto os planos acerca do tempo, do espaço e dos materiais devem ser ajustados às circunstâncias específicas, dando possibilidade de todas as crianças participarem ativamente no seu processo de desenvolvimento global.

O desenvolvimento social nas crianças nos seus primeiros anos de vida têm consequências significativas para o seu futuro. Para estimular este desenvolvimento, é nossa responsabilidade, estimular este desenvolvimento, precisando para isso, de criar um clima social positivo em sala de aula. Cabe-nos ajudar os alunos a aprenderem a funcionar bem dentro dos limites das expectativas da escola e a desenvolverem fortes relações positivas com os seus pares.

Acima de tudo, penso que os professores precisam responder positivamente ao comportamento das crianças e a ajudá-las a aprender a funcionar apropriadamente em sala de aula.

Relativamente a este trabalho, algumas questões foram surgindo: Como proporcionar bons ambientes a outros alunos, de outras escolas, fazendo um intercâmbio entre escolas? Como poderiam esses momentos, serem alvo de interesse para cativar alunos cujo percurso escolar deixou de ter motivos de interesse, levando-os a desmotivarem-se pelas tarefas escolares?

Sinto que o tempo designado para construir ambientes de aprendizagem produtivos irá reduzir muitas frustrações, que alguma vez possa sentir no meu início de carreira e alargar-me as capacidades para obter a cooperação e o envolvimento dos alunos nas tarefas escolares.

Durante este trabalho, devo admitir que por vezes gostaria de ter mais tempo para ir realizando, pois quando se trabalha ao mesmo tempo, nem sempre é possível que tudo corra sem imprevistos. De fato as novas tecnologias, são instrumentos fantásticos que nos permitem estabelecer um melhor contato, tanto a nível tutorial como de conhecimentos e fontes. Embora a busca de algumas fontes fossem possíveis em bibliotecas um pouco afastadas da minha residência, tive como componente importantíssima a ajuda imprescindível da Professora Orientadora, que me auxiliou tanto por via *e-mail*, como em várias tutorias.

Devo concluir que este trabalho me proporcionou muito conhecimento e me transformou a nível profissional e pessoal.

Referências Bibliográficas

- Abreu, M.; Jesus, S. (1993). *Estudo da motivação dos professores para motivar os alunos segundo a teoria do comportamento planeado*. Psychologica, Coimbra
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa McGraw-Hill
- Bernard, S. & Olívia, N. S. (1998). *Ensinando Crianças dos 3 aos 6 anos*.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Braga, F., Vilas-Boas F., Alves M., Freitas, M. & Leite, C. (2004). *Planificações novos papeis, novos modelos*. Porto: Edições Asa
- Cadima A., G., C., Pires T., Ortega C., Horta N. (1997). *Diferenciação Pedagógica no Ensino Básico: Alguns Itinerários*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Cadima, J.; Leal, T. & Cancela, J.. (2011) Interações professor-aluno nas salas de aula no 1.º CEB: Indicadores de qualidade. *Revista Portuguesa de Educação*, 24 (1), 7-34
- Cadima, J., & Leal, T. (2008a). Observação dos processos interativos em salas do 1º Ciclo do Ensino Básico. In A. P. Noronha et al. (Coord.), *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Psiquilibrios: Braga, CD-ROM.
- Cardoso, A. P. & Raposo, A. S. (2003). *A recetividade à mudança e à inovação pedagógica: O professor e o contexto escolar* - Porto: ASA
- Curriculum Nacional do Ensino Básico. *Competências Essenciais* (Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro). cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril).
- Doyle, W. (1986). Classroom Organization and Management. In Witrock, M. (ed.). *Handbook of Research of Teaching*. New York: Mc Millan.
- Duarte, A. M. & Estrela, M. T. (2002). *Aprendizagem ensino e aconselhamento educacional / Uma perspetiva cónita-motivacional*. Porto: Porto Editora
- Duval, A.; Letourner, G. & Vayer, P. (1994). *A Dinâmica das Aprendizagens escolares*. Lisboa: Dinalivro
- Emmer, E. T., & Stough, L. M. (2001). Classroom management: A critical part of educational psychology, with implications for teacher education. *Educational Psychologist*, 36 (2), 103-112.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora

- Fornero & Zabalza, M. (1998). *Qualidade na educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed
- Freinet, C. (1988) *Conselho aos Pais. Pedagogia do Bom Senso*. Tradução J. Batista. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Lisboa, Editorial Estampa, 1974
- Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Ed. Coimbra
- Lopes, J., S. & Silva, H., S. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: Um guia prático para o professor*. Lisboa. Lidel, 2009
- Niza, S., (1998). *A organização do trabalho de aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ed. Inovação. Lisboa
- Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Cidine.
- Postic, M. (1990). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Ed.
- Postic, M. (1995). *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Ed.
- Ribeiro, C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Universidade Aberta
- Roldão, M. C. (2000). *Currículo e Gestão das Aprendizagens: as palavras e as práticas*. Aveiro. Universidade Centro Integrado de Formação de professores
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino / O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de 3 a 8 anos*. Porto Alegre: ARTMED.
- Steiner, G. (2005). *Elogio da transmissão. O professor e o aluno*. Lisboa: Quixote
- Trindade, R. (2002). *Experiências educativas e situações de aprendizagem: Novas práticas pedagógicas*. Porto: ASA
- Valadares, J. & Moreira, M. (2009). *A Teoria da Aprendizagem Significativa*. Lisboa: Almedina
- Vieira, H. (2000). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Presença Ed.
- Vieira, R. M.; Vieira, C. T. & Cruz, A. O. (2005). *Estratégias de ensino e de aprendizagem: O questionamento promotor do pensamento crítico*. Lisboa: Instituto Piaget

Referências Bibliográficas Eletrônicas

Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro
<http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/1c1cr/Cgenerico/p1ciclo.pdf> (Recuperado em 2013, agosto 28)

Organização Curricular e Programas. Título: Ensino Básico. 1.o Ciclo: Ed. Departamento da Educação Básica.

Rodríguez, Garran, N. (2004). El clima escolar. Revista Digital Innovación e Investigación. Num. 7 Volumen 3 In IRIS 128735-CP-1-2006-1-BE-COMENIUS-C21 ,Clima da sala de aula em ambientes inclusivos, consultado em 30 julho 2013, http://www.irisproject.eu/teachersweb/PT/docs/TT_Clima_Sala_de_Aula_WD_PT.pdf

Schmidt, M., & Çagran, B. (2006). Classroom climate in regular primary school settings with children with special needs. Educational Studies, In IRIS 128735-CP-1-2006-1-BE-COMENIUS-C21 ,Clima da sala de aula em ambientes inclusivos, consultado em 30 julho 2013, http://www.irisproject.eu/teachersweb/PT/docs/TT_Clima_Sala_de_Aula_WD_PT.pdf.

ANEXOS

Anexo I - Notas de Campo

- 1 - Nota de campo nr. 1 (PL nr. 3);
- 2 – Nota de Campo nr. 2 (PL nr. 2);
- 3 – Nota de Campo nr. 3 (PL nr. 1);
- 4 – Nota de Campo nr. 4 (PL nr.4);
- 5 – Nota de Campo nr. 5 (PL nr.6);
- 6 – Nota de Campo nr. 6 (PL nr. 5);
- 7 – Nota de campo nr.7;
- 8 – Nota de campo nr.8;
- 9 – Nota de campo nr.9;

Nota de Campo

NR: 1

Local: Sala de aula

Dia/Hora: 13/02/13 às 10h30m

Intervenientes: Professor, estagiária e os 25 alunos.

Notas Descritivas

D.C.: - Carla, podemos agora tentar construir este trabalho com o que já sabemos dos animais que falámos?! Temos no placard muitas informações!

Estagiária: Sim, vamos fazendo esse trabalho visualizando com atenção e lendo com atenção o que está no mural sobre os animais e diferentes características!

T.M: - Eu já escrevi muitas coisas, porque estive a ler e a rever o que colocámos no mural e o meu desenho quase que ocupou a folha toda!

Estagiária. – Estiveste com atenção a todos os pormenores?

T.M: - Sim! Acho que tenho tudo certo!

Inferência

A partir desta situação, trabalhamos a motricidade fina, alongámos o vocabulário e experienciámos formas de expressão, onde cada um tinha a responsabilidade de cuidar de aspetos relacionados com a estética do seu trabalho, utilizando os meios ao seu alcance, neste caso, o que estava exposto nas paredes, facilitando o seu trabalho, adquirindo mais conhecimento do outro.

Nota de Campo

NR: 2

Local: Sala de aula

Dia/Hora: 18/12/12 às 11h05m

Intervenientes: Professor, estagiária e os 25 alunos.

Notas Descritivas

T.M. - Carla, ainda bem que vamos fazer estas máscaras, eu já tenho ideias para isto á muito tempo! E podemos agora gastar os materiais que temos!

Estagiária: - Sim, vamos reciclar, já sabem, vamos para aquelas mesas, onde podemos estar perto de todo o material necessário!

M.R.: - Olhem aqui eu tenho os meus olhos bem recortados, vou ser uma princesa com esta máscara, vou por tecido aqui por trás. A Princesa que conseguia fazer magia como na história que fizemos em grupo, que está naquela parede!

Professor: Quero ver esse resultado! Acho que podemos tirar uns modelos deste livro!

D.N.: - Posso fazer um chapéu, como aquele do placard, eu adorei aquele!

Estagiária: - Que ideias giras que tiveram! Precisas de ajuda D.N?

Inferência

Trabalhámos a área das expressões, interligando com o estudo do meio e a cidadania, criando um ambiente de interesse, proporcionado por aspetos ligados ao conhecimento através do imaginário de cada criança.

Nota de Campo

NR: 3

Local: Sala de aula

Dia/Hora: 23/11/12 às 12h

Intervenientes: Professor, estagiária e os 25 alunos.

Notas Descritivas

C.B: - Carla, eu achei divertido fazer ementas assim no computador! Víamos logo se era saudável comer algumas coisas!

M.H: - Eu ainda não sei bem ver como se vai até ao alimento, mas nos livros da biblioteca, encontrei isto!

Estagiária: - O quê?

M:H – Este livro fala da Roda dos Alimentos e mostra o corpo humano! Diz aqui que devemos comer várias peças de fruta num só dia! Eu prefiro ler, agora já sei que ementa vou desenhar!

Inferência

A partir daqui podemos explorar as técnicas TIC, conhecendo outros caminhos para realizar outras tarefas, num ambiente calmo e diferente onde ressaltam aspetos da linguagem materna.

Nota de Campo

NR: 4

Local: Sala de aula

Dia/Hora: 04/01/13 às 10h30m

Intervenientes: Professor, estagiária e os 25 alunos.

Notas Descritivas

D.C: - Eu adoro fazer estes exercícios! Carla, podemos pôr mais este banco que está ali também? Assim andamos mais tempo por cima e treinamos ainda mais o equilíbrio!

Estagiária: - Sim! Ajudem-me a coloca-lo ali! Obrigado! Agora vamos começar a nossa aula!

M.L: -.- Agora posso ser eu a escolher as filas Carla!? São três filas vou usar estas linhas que estão no chão para formar as filas!

Estagiária: - Hoje sim podes ser tu! Tínhamos combinado que era por ordem alfabética, já sabias que eras tu!

Inferência

A partir de uma situação de atividade física, aproveitei para fazer jogos de exploração com o corpo, criando um ambiente motivador, onde a boa disposição esteve presente, onde usámos vários materiais para equilíbrios que ao mesmo tempo serviram de palco para outras execuções.

Nota de Campo

NR: 5

Local: Sala de aula

Dia/Hora: 29/01/13 às 10h30m

Intervenientes: Professor, estagiária e os 25 alunos.

Notas Descritivas

M.M: - Eu vou fazer o máximo de comboios dentro da estação e vou pintar esses comboios na folha quadriculada!

R.N. : - Eu já comecei a pintar os meus e estou a tentar não usar as peças brancas, para ver quantos vou construir!

Estagiária: - Sim, pode ser uma estratégia, a seguir podes fazer comboios sem usara a peça vermelha! Mas será que consegues?

M.H.:- Boa! Não tinha pensado nisso ainda!

Inferência

A partir da área da matemática, aproveitei para trabalhar em grupos, colocando desafios, incentivando-os a intervir, com materiais adequados.

Nota de Campo

NR: 6

Local: Sala de aula

Dia/Hora: 06/12/12 às 10h30m

Intervenientes: Professor, estagiária e os 25 alunos.

Notas Descritivas

G.S: - Olha, já medi o meu estojo e acho que mede 15,3 centímetros! A minha régua é de 20 centímetros!

D.C: - Então sobra-te quanto?

G.S. – Vou tentar contar! Primeiro conto os centímetros e depois os tracinhos que sobraram! Parece que sobram 4 centímetros e agora conto os tracinhos que são 7... Sobram 4 centímetros e 7 milímetros!

Estagiária: - Os tracinhos são milímetros! Cada dez tracinhos são 1 centímetro!

G:S: - Ok! Então o meu estojo mede 153 milímetros!

M.N: - Mas como fizeste essas contas?

G.S: - Então, contei de 10 em 10! Cada 10 tracinhos dão 1 centímetro! A régua só tem os números dos centímetros! A reta numérica está de 5 em 5 e é a mesma coisa, podes contar de 10 em 10 se quiseres! Eu ajudo-te a contar ...!

Inferência

A partir de uma situação informal, aproveitei alguns materiais para trabalhar a unidade de medida, entre os materiais usados, constava a reta numérica. Propus aos alunos estimar a altura de uma porta e de um armário. Todos os alunos mostraram estar muito empenhados nas aprendizagens.

Nota de Campo

NR: 7

Local: Sala de aula (Comentário do professor)

Dia/Hora: 04/06/13 09h45m

Intervenientes: Professor, estagiária e alunos

Professor: - É importante estar em condições de estabelecer alguma ordem o que implica atitudes e habilidades necessárias, sabendo escutá-los num diálogo sem receios, dando-me a conhecer e vice-versa.

Nota de Campo

NR: 8

Local: Sala de aula (Comentário do professor)

Dia/Hora: 04/06/13 10h30m

Intervenientes: Professor, estagiária e alunos

Professor: - O ambiente de sala, não deixa de ser a forma como dispomos o espaço físico e material, no qual as tarefas decorrem. Há que saber planifica-lo e geri-lo ...Pretendo dentro desse espaço, que o aluno se sinta bem e motivado, onde faz as suas explorações intelectuais, onde se irá desenvolver.

Nota de Campo

NR: 9

Local: Sala das TIC (comentário do professor)

Dia/Hora: 04/06/13 13h35m

Intervenientes: Professor, estagiária e alunos

Professor: - Ao motivá-los a respeitar prazos, vigiando-os em algumas tarefas e ao resolver problemas de comportamento estou de certa forma a reduzir eventuais perturbações, tendo como objetivo de maximizar o envolvimento e a cooperação.

Anexo II - Planificações

- 1- Planificação Estudo do Meio/Português/Matemática 23/11/2012 (NC nr.3);
- 2 – Planificação Português/Expressões 18/12/2012 (NC nr. 2);
- 3 – Planificação Estudo do Meio/Português 19/02/2013 (NC nr. 1);
- 4 – Expressão Físico-Motora 04/01/2013 (NC nr. 4);
- 5 – Planificação Matemática /Português 06/12/2012 (NC nr. 6);
- 6 – Planificação Matemática – Português – Expressões 29/01/2013 (NC nr. 5).

Nome da Estagiária: Carla Pilré
Professor Cooperante: Rui Santos
Ano letivo: 2013
Disciplina: Estudo do Meio/Português/Matemática
Ano: 1º Ano **Turma:** A
Data: 23.11.2012

Planificação			
	Bloco Tema	<ul style="list-style-type: none"> • Bloco 1 (Estudo do Meio), • Bloco 1 e 2 (Comunicação oral e escrita); • Bloco 1 (Matemática). 	
O quê? Porquê e para quem?	Tarefa a realizar	<ul style="list-style-type: none"> • Conversar sobre a roda dos alimentos e descobrir os alimentos que devem compor uma alimentação rica, variada e ajustada. • Proceder à exploração de revistas, internet, panfletos e anúncios sobre alimentação e elaborar uma refeição equilibrada e saudável; • Ler e escrever números. 	
	Integração do Currículo	Tema e Tópicos	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo do Meio (A Roda dos Alimentos); • Português (Comunicação Oral e Escrita); • Matemática (Números e Operações).
		Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes, etc...); • Relatar acontecimentos vividos ou imaginados ...; • Expressar-se por iniciativa própria, conversas, diálogos ...; • Intervir oralmente tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (conversa, apresentação de trabalhos). • Ler números.

		Capacidades Transversais	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Projeto; • Estudo Acompanhado; • Formação Cívica. • Mobilização de saberes (uso da linguagem adequada para expressar ideias, pesquisar, etc...). • Tic.
Como? (Metodologia)		Apresentação da tarefa aos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Em oportunidades anteriores já tínhamos falado sobre a importância de uma alimentação rica e variada, deixando trabalhos no nosso mural. Voltámos a falar sobre o assunto e desta vez passámos à tarefa seguinte; • Irei referir aspetos sobre os preços que acompanham a imagem e esperar que façam comentários.
		Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos podem circular à vontade pela sala, usando as mesas destinadas para estes trabalhos, uma vez que terão de escolher o material, fazer recortes, etc...).
		Ações do professor durante a atividade dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Tentarei dar o apoio necessário, nas dificuldades que possam surgir.
		Comunicação de resultados	<ul style="list-style-type: none"> • Haverá um momento de partilha de trabalhos e de conversas sobre o trabalho elaborado.
		Tempo previsto para a realização	Manhã + tarde

	Material a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> • Revistas, panfletos, imagens; Roda dos Alimentos; • Computador; • Tesoura, lápis de carvão, lápis de cor e canetas de feltro; • Folhas A4; • Giz, quadro; • Cola.
	Antecipação de estratégias a utilizar pelos alunos com referência ao conhecimento envolvido na utilização de cada uma delas	<ul style="list-style-type: none"> • Poderão surgir dúvidas ou dificuldades no manuseamento dos materiais, ou mesmo dificuldade nas escolhas dos alimentos, na parte de representação.
	Antecipação de dificuldades/erros	<ul style="list-style-type: none"> • Tentarei explicar para que todos entendam o que pretendo, de forma a não haver muitas dúvidas.

Reflexão

Os alunos corresponderam à tarefa, sendo que o fato de explorarmos as imagens e trabalhos desenvolvidos neste assunto, também os levou a estruturar o conhecimento de si próprios, desenvolvendo ao mesmo tempo, atitudes de autoestima e autoconfiança e de valorização da sua identidade, assim como das suas raízes. Com esta tarefa, articulou-se Área de Projeto; Estudo Acompanhado; Formação Cívica; Mobilização de saberes (uso da linguagem adequada para expressar ideias, pesquisas...).

Os alunos puderam ainda discutir de uma forma calma e saudável, aspetos importantes e hábitos a modificar futuramente na sua alimentação.

Os alunos colocam em nós toda a confiança no saber, saber fazer e saber ser, assegurando a garantia e a qualidade das aprendizagens. Não houve dificuldades na gestão, os alunos foram postos à experiência, também porque, é necessário experienciarem esta forma lúdica

Penso que consegui corresponder à ajuda pedida pelos alunos, sendo muito compensador a forma como eles

de trabalho, havendo um pouco de “confusão” à mistura, nomeadamente, no manusear de folhetos, recortes, comentários, entre eles, tudo serve para se fazerem aprendizagens. O estudo da história pessoal será um bom ponto de partida para que os alunos estruturem a noção de tempo.

Foi importante, ainda realçar o cuidado e o bom senso que os alunos tiveram no tratamento de aspetos importantes na sua alimentação e na rotina diária.

Os fatores facilitadores, têm a ver com a partilha de saberes, que existe nestes momentos, onde se exprimem e se fundamentam ideias pessoais. Além disso utilizam-se vários tipos de comunicação, oral e escrita.

<p>Nome da Estagiária: Carla Pilré</p> <p>Professor Cooperante: Rui Santos</p> <p>Ano letivo: 2012/2013</p> <p>Disciplina: Português/Expressões</p> <p>Ano: 1º Ano E.B. Turma: A</p> <p>Data: 18/12/2012</p>

Planificação			
	Bloco Tema	<ul style="list-style-type: none"> Bloco 2 Jogos com dramatização 	
O quê? Porquê e para quem?	Tarefa a realizar	<ul style="list-style-type: none"> Elaborar uma máscara 	
	Integração do Currículo	Tema e Tópicos	<ul style="list-style-type: none"> Expressão Dramática, Exp. plástica; Expressão Oral; Compreensão Oral; Atividade Lúdica; Linguagem Verbal.
		Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> Recurso a atividades específicas que mobilizem o interesse e a energia dos alunos com ênfase na atividade lúdica.
		Metas	<ul style="list-style-type: none"> Utilizar espontaneamente, atitudes, gestos, movimentos; Reagir, improvisar e mimar, por gestos momentos, sons, palavras, ilustrações, atitudes, sequências e atos. Participar e improvisar diálogos ou pequenas histórias com um objeto (máscara).

Como? (Metodologia)	Apresentação da tarefa aos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa sobre a tarefa a realizar em trabalho individual e em grupo. • Deixar todo o material à disposição dos alunos e pedir que utilizem toda a sua atividade na elaboração, representando personagens que mais gostem. • Após a elaboração pedir que representem pequenos momentos dramáticos a seu gosto, utilizando a máscara que fizeram.
	Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos estarão sentados à volta das mesas, dispostas em quadrado e poderão circular à sua vontade no espaço da sala de aula, utilizando os vários materiais selecionados para a confeção da máscara.
	Ações do professor durante a atividade dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver práticas entre os alunos de forma a poderem dinamizar a sua criatividade; • Ajudar, se for preciso nas suas construções, apoiando-os; • Observar e registar o seu comportamento durante as interações, intervindo se for necessário para uma maior diversificação de formas de se apoiarem como grupo.
	Comunicação de resultados	<ul style="list-style-type: none"> • Breve conversa com o grupo, sobre a tarefa, gostos e preferências de cada um.
	Tempo previsto para a realização	1h30m

	Material a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro e giz, • Folhas de papel manteiga; • Tesoura; • Lápis de carvão; • Lápis de cor ou de cera; • Canetas de feltro; • Fita cola; • Garrafas de plástico; • Cartolinas.
	Antecipação de estratégias a utilizar pelos alunos com referência ao conhecimento envolvido na utilização de cada uma delas	<ul style="list-style-type: none"> • Estar atento a ideias que os alunos manifestem, para a elaboração da sua máscara, ou materiais que tragam para a tarefa.
	Antecipação de dificuldades/erros	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns alunos poderão revelar algum desconforto, por não ter ideias. Estar atento e disponível para ajudar na elaboração da tarefa.
Articulação		<ul style="list-style-type: none"> • Português; • Expressão Plástica; • Matemática; • Estudo do meio; • Formação Cívica.

Reflexão

Os alunos corresponderam à tarefa de forma espontânea. Exploraram as situações imaginárias a partir dos temas sugeridos e propostos. Os alunos, pela vivência de vários papéis, reconhecem-se melhor entendendo o outro melhor.

Estes jogos permitem aos alunos desenvolver as possibilidades expressivas do corpo, unindo a intencionalidade do gesto e da palavra, à expressão e um sentimento, ideia e emoção.

Desenvolvem ações ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver.

Pretende-se que os alunos se expressem através de diferentes meios, expressando a sua sensibilidade e desenvolvam o seu imaginário.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflete-se no modo como se pensa, no que se pensa e no q

que se produz com o pensamento.

As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspetivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.

<p>Nome da Estagiária: Carla Pilré</p> <p>Professor Cooperante: Rui Santos</p> <p>Ano letivo: 2013</p> <p>Disciplina: Estudo do Meio/Português</p> <p>Ano: 1º Ano Turma: A</p> <p>Data: 13.02.2013</p>

Planificação			
	Bloco Tema	<ul style="list-style-type: none"> • Bloco 3 (Á Descoberta do Ambiente Natural); • Bloco 1 (Comunicação Oral); • Bloco 2 (Comunicação Escrita). 	
O quê? Porquê e para quem?	Tarefa a realizar	<ul style="list-style-type: none"> • Antecipadamente, os alunos irão trazer uma foto ou imagem com o seu animal preferido e mais alguma informação que queiram; • Elaboração de um mapa com ideias, (o que sei sobre o meu animal preferido); • Listas de palavras para completarem o mapa de ideias ou esquemas. 	
	Integração do Currículo	Tema e Tópicos	<ul style="list-style-type: none"> • Os seres vivos e o seu ambiente; • - Reconhecer características externas de alguns animais (corpo coberto de penas, pelos, escamas, bico, garras...); • - Recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...); • - Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo: animais selvagens; animais domésticos; • Desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita; • Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza.

		Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer alguns cuidados a ter com os animais; • Elaborar mapas de ideias com curiosidades sobre os animais; • Mobilizar conhecimentos prévios; • Distinguir texto e imagem; • Identificar o tema central; • Procurar informação complementar com a ajuda do professor; • Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais; • Reter informações a partir de um enunciado oral (um recado ou aviso).
		Capacidades Transversais	<ul style="list-style-type: none"> • Área de Projeto; • Estudo Acompanhado; • Formação Cívica. • Mobilização de saberes (uso da linguagem adequada para expressar ideias, pesquisar, etc...).
Como? (Metodologia)		Apresentação da tarefa aos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Irei perguntar se todos os alunos trouxeram a imagem do seu animal preferido ou se preferem desenhar; • Conversar com os alunos sobre o seu animal preferido e cuidados a ter com a sua alimentação, higiene, hábitos, como é coberto o corpo, como se alimentam ...) • Pedir-lhes que elaborem um cartaz com imagens e lista de palavras sobre características e curiosidades do seu animal de estimação;
		Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos estão sentados em cadeiras usando as mesas de apoio e no chão, podendo circular à vontade pela sala, uma vez que terão de escolher o material, fazer recortes, etc...).

	Ações do professor durante a atividade dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> Tentarei dar o apoio necessário, nas dificuldades que possam surgir.
	Comunicação de resultados	<ul style="list-style-type: none"> Haverá um momento de partilha de trabalhos e de conversas, onde os alunos farão um círculo, falando cada um, sobre o trabalho elaborado.
	Tempo previsto para a realização	Manhã + tarde
	Material a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> Imagens de animais; Listas de palavras; Mural com informações sobre animais e suas características; Tesoura, lápis de carvão, lápis de cor e canetas de feltro; Folhas A3; Giz, quadro; Cola.
	Antecipação de estratégias a utilizar pelos alunos com referência ao conhecimento envolvido na utilização de cada uma delas	<ul style="list-style-type: none"> Poderão surgir dúvidas ou dificuldades no manuseamento dos materiais, ou mesmo dificuldade nas escolhas dos animais, na parte de representação.

	Antecipação de dificuldades/erros	<ul style="list-style-type: none"> • Tentarei explicar para que todos entendam o que pretendo, de forma a não haver muitas dúvidas.
--	--	--

Reflexão

Este bloco compreende os conteúdos relacionados com os seres vivos que vivem no ambiente que os rodeia.

A curiosidade infantil pelos fenómenos do ambiente e pelos seres que os habitam, estimula os alunos a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples.

Os alunos criam responsabilidade pelo meio ambiente, respeitando os seres vivos e reconhecendo alguns cuidados a ter.

As capacidades transversais centram-se na fricção-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação.

Mobilizam saberes de áreas curriculares não disciplinares, como: Estudo acompanhado, Área e Projeto e formação Cívica. E também Áreas disciplinares, como: Mobilização de saberes como, Língua portuguesa (registo e observação, organização de informação e decisão de melhor forma de apresentar essa organização).

A minha intervenção foi de observação e de ajuda em algum momento. Os alunos gostaram de elaborar esta tarefa e da exploração da escrita que ocorreu durante a partilha de ideias.

Usaram a Língua nas suas diversas formas escrita e oral, usando adequadamente maiúsculas e minúsculas, sinais de pontuação, palavra, frase, texto e imagem.

Os alunos tomam consciência das relações essenciais entre a língua falada e a língua escrita. Esta tomada de consciência, para alguns, iniciada em contexto pré-escolar, num ambiente rico em experiências de leitura e escrita, permite-lhes construir e desenvolver algumas conceções relativas aos aspetos figurativas e conceptuais da linguagem escrita. Diferença entre escrita e desenho.

Reconheceram a existência de semelhanças e diferenças entre os seres vivos que apresentaram.

<p>Nome da Estagiária: Carla Pilré</p> <p>Professor Cooperante: Rui Santos</p> <p>Ano letivo: 2012/2013</p> <p>Disciplina: Expressão Físico-Motora</p> <p>Ano: 1º Ano E.B. Turma: A</p> <p>Data: 04/01/2013</p>
--

Planificação			
	Bloco Tema	<ul style="list-style-type: none"> Bloco 2 - Deslocamentos e Equilíbrios 	
O quê? Porquê e para quem?	Tarefa a realizar	<ul style="list-style-type: none"> Andar, rastejar, rolar, saltar, fazer cambalhota. 	
	Integração do Currículo	Tema e Tópicos	<ul style="list-style-type: none"> Rastejar deitado em cima dos bancos e no chão em várias direções, movimentando-se com o apoio das mãos e dos pés; Rolar sobre si próprio em posições diferentes nos dois sentidos; Andar e saltar de alturas e comprimentos variados; Fazer cambalhota á frente, mantendo a mesma direção durante o enrolamento.
		Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> Realizar habilidades gímnicas básicas em esquemas ou sequencias no solo e em aparelhos, encadeando e combinando as ações com fluidez e harmonia de movimentos.
		Capacidades Transversais	<ul style="list-style-type: none"> Apropriação das linguagens elementares das artes; Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação; Desenvolvimento da criatividade; Compreensão das artes no contexto.

Como? (Metodologia)	Apresentação da tarefa aos alunos	<ul style="list-style-type: none"> Pedir aos alunos que executem exercícios encadeados no solo, depois de um aquecimento geral específico.
	Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> Afastados para o aquecimento, Corrida; Aquecimento de pé e deitado; Posicionamento em filas.
	Ações do professor durante a atividade dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> O professor deverá estar atento ao desenrolar da atividade, prestando atenção aos movimentos adequados; Deixar que se expressem em liberdade de movimentos; Estar atenta à segurança dos movimentos, dando sugestões e ouvindo os alunos.
	Comunicação de resultados	<ul style="list-style-type: none"> Conversa com os alunos sobre a aula, gostos e sugestões.
	Tempo previsto para a realização	<ul style="list-style-type: none"> 1h
	Material a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> Bancos, colchões e cordas.
	Antecipação de estratégias a utilizar pelos alunos com referência ao conhecimento envolvido na utilização de cada uma delas	<ul style="list-style-type: none"> Alguns alunos, poderão não ter quaisquer dificuldades, uma vez que poderão já ter feito este tipo de exercícios.
	Antecipação de dificuldades/erros	<ul style="list-style-type: none"> Poderão não conseguir efetuar alguns dos exercícios pedidos.

Reflexão

Estas ações de cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios e aplicação de regras, confere uma cordialidade e respeito na relação com colegas e professor.

Proporcionar estas práticas de forma a não excluir nenhum aluno por falta de aptidão, nem exigir é uma forma de cooperação, responsabilidade, segurança espírito de iniciativa encaminhando os alunos para um terreno excelente, para a Educação para a Cidadania.

Penso que consegui corresponder ao que os alunos esperavam desta aula de educação física. No grupo, apesar de haver desníveis entre as características no que respeita a altura e peso das crianças, só uma mostrou ter uma ou outra dificuldade em executar um dos exercícios.

Nestas atividades, os alunos também põem à prova as suas capacidades, conhecendo melhor o seu corpo, o espaço e desenvolver o seu potencial.

Do ponto de vista didático, o ser inclusivo, significativo, agradável, variado, cooperativo ..., promove a aprendizagem e aperfeiçoamento associado à progressão.

<p>Nome da Estagiária: Carla Pilré</p> <p>Professor Cooperante: Rui Santos</p> <p>Ano letivo: 2012/2013</p> <p>Disciplina: Matemática/Português</p> <p>Ano: 1º Ano E.B. Turma: A</p> <p>Data: 6.12.2012</p>
--

Planificação			
	Bloco Tema	<ul style="list-style-type: none"> Bloco 3 - Grandezas e Medidas 	
O quê? Porquê e para quem?	Tarefa a realizar	<ul style="list-style-type: none"> Fazer um jogo de medida, com vários objetos; 	
	Integração do Currículo	Tema e Tópicos	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer relações de grandeza entre objetos.
		Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer e utilizar o vocabulário corrente, utilizando nestas relações: alto/baixo, curto/comprido, largo/estrito, pesado/leve ..
		Metas	<ul style="list-style-type: none"> A compreensão do processo de medição e a aptidão para fazer medições e estimativas em situações diversas do quotidiano utilizando instrumentos apropriado.
Como? (Metodologia)		Apresentação da tarefa aos alunos	<ul style="list-style-type: none"> Conversa com os alunos, sobre a tarefa. Deixar que os alunos toquem nos vários materiais existentes em cima das mesas, para passar seguidamente à tarefa. Pedir que façam estimativas, deixando medir alguns objetos presentes na sala de aula.

	Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Todos à volta de uma mesa grande.
	Ações do professor durante a atividade dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> • Questionar e conduzir os alunos para que usem os materiais, chegando a conclusões; • Gerir a participação de todos alunos, incentivando para que todos intervenham.
	Comunicação de resultados	<ul style="list-style-type: none"> • Cada aluno comunicará como correu a tarefa. • Falar sobre a ficha e os resultados e dificuldades.
	Tempo previsto para a realização	1h
	Material a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> • Réguas de vários tamanhos e larguras; • Reta numérica; • Peças de jogos; • Blocos de madeira; • Balança; • Fita métrica; • 1 ficha de trabalho por cada aluno.
	Antecipação de estratégias a utilizar pelos alunos com referência ao conhecimento envolvido na utilização de cada uma delas	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos poderão: • Fazer sequências e seriar os objetos; • Registar os resultados, para a seguir serem divulgados.

	Antecipação de dificuldades/erros	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos terão algumas dificuldades em: • Trabalhar em grupo; • Respeitar a sua vez;
Articulação		<ul style="list-style-type: none"> • Português; • Expressões. • Desenvolvimento pessoal e social;

Reflexão

Os alunos foram fazendo raciocínios durante e depois de explorarem os materiais. Uma das componentes matemáticas é a compreensão de relações entre ideias matemáticas e relações com outras áreas. A comunicação inclui a leitura, a interpretação e a escrita de informação. Na comunicação oral, foram importantes as argumentações e as discussões, assim como as justificações dadas pelos alunos nas ocasiões que se sucederam.

De uma forma geral, os alunos conseguiram corresponder às solicitações que foram surgindo, à medida que a tarefa ia avançando, usando os materiais que tinham ao seu dispor, para fazer conexões. Por vezes a dificuldade é manter todos os alunos na mesma linha de pensamento, de forma a irem avançando com supostas resoluções. Por isso é importante que as tarefas propostas tenham a característica de os motivar para que façam descobertas num todo e em grupo.

Nome da Estagiária: Carla Pilré

Professor Cooperante: Rui Santos

Ano letivo: 2013

Disciplina: Matemática, Português e Expressões

Ano: 1º Ano **Turma:** A

Data: 29.01.2013

Planificação			
O quê? Porquê e para quem?	Bloco Tema	<ul style="list-style-type: none">• Bloco 1 Números e Operações• Bloco 1 (Comunicação e Compreensão Oral);• Bloco 2 (Português Comunicação escrita);• Expressão Plástica (Desenho).	
	Tarefa a realizar	<ul style="list-style-type: none">• Decomposição do número 10 – Exploração do Cuisenaire;• Responder a questões acerca do que ouviu;• Perceber que a escrita é uma representação oral;• Elaborar por escrito respostas a tarefas e atividades.	
	Integração do Currículo	Tema e Tópicos	Números e Operações <ul style="list-style-type: none">• <u>Números Naturais</u>: Noção de número natural; Relações numéricas;• Comunicação e Compreensão Oral;• Português Comunicação escrita;
		Objetivos específicos	Decompor o número 10 <ul style="list-style-type: none">• Realizar contagens progressivas;• Representar números;• Dar exemplos de diferentes representações para o mesmo número.• Expressar-se por iniciativa própria em discursos de grupo;• Participar no registo de experiências vividas.

		<p>Capacidades Transversais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio matemático: • Justificação – expressar, por escrito, os processos de raciocínios matemáticos. • -Comunicação matemática: • Representação e Expressão – representar e expressar, por escrito, cálculos matemáticos. • Português; • Tic; • Expressões.
--	--	--

<p>Como? (Metodologia)</p>	<p>Apresentação da tarefa aos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho em grupos com registo individual; • Dividir a turma em grupos; • Apresentar o material Cuisenaire; • Distribuir uma caixa por cada grupo; • Recordar o valor de cada peça; • Construir a “escada” do Cuisenaire consoante os valores de cada peça até ao número 10; • Destacar a peça correspondente ao número 10; • Construir, por baixo da peça destacada, diferentes sequências numéricas em que o resultado seja sempre igual a 10; • Estabelecer um tempo para os grupos conversarem, trocarem ideias e registarem, através do Cuisenaire, os seus raciocínios; • Na apresentação dos resultados à turma, cada grupo deve apresentar uma ou duas sequências numéricas; • Registrar no quadro, com as peças do Cuisenaire, as diferentes sequências numéricas pensadas pelos grupos; • Após todos terem apresentado perguntar se algum grupo construiu mais alguma sequência que ainda não esteja no quadro; • Registrar individualmente, ou seja, cada aluno deve copiar para o seu caderno todas as sequências construídas; • Seguidamente, passar da pictografia das peças do Cuisenaire para a representação numeral, registando também no caderno.
-----------------------------------	---	---

	Organização dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> A turma vai dividir-se em 5 grupos de 5 elementos, restando 1 elemento que será colocado num dos grupos uma vez que a turma é composta por 26 alunos.
	Ações do professor durante a atividade dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> Questionar e conduzir os alunos para construírem o máximo de sequências numéricas e que estas tenham mais do que duas parcelas; Gerir a participação de todos alunos, incentivando para que todos intervenham.
	Comunicação de resultados	<ul style="list-style-type: none"> Cada grupo irá ao quadro apresentar uma ou duas sequências numéricas, através das peças do cuisenaire. No final, cada aluno passa para o seu caderno todos os registos, de forma a ficarem com um registo individual para que possam consultar e estudar.
	Tempo previsto para a realização	Manhã + tarde
	Material a utilizar	<ul style="list-style-type: none"> 5 Caixas de Cuisenaire; Quadro e giz; Bostik; Cadernos de matemática; Lápis de carvão; Lápis de cor.

	Antecipação de estratégias a utilizar pelos alunos com referência ao conhecimento envolvido na utilização de cada uma delas	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos poderão: • Recorrer a sequências numéricas com duas parcelas; • Ter tendência para utilizar mais do que uma vez a unidade 1 (peça branca).
	Antecipação de dificuldades/erros	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos terão algumas dificuldades em: • Trabalhar em grupo e verificar como corre a experiência; • Construir sequências numéricas com três ou mais parcelas;

Reflexão

Os alunos corresponderam à tarefa, de forma a elaborar registos para a peça laranja, que representava o número 10. Conseguiram efetuar vários comboios para a mesma carruagem e ainda selecionar as peças de forma a construir o maior número, esgotando todas as hipóteses. Na segunda parte da tarefa, quando cada grupo apresentou as suas possibilidades, conseguiram apresentar os seus raciocínios e descobrir outras possibilidades com as partilhas dos outros grupos. Comunicaram dentro das regras que eram permitidas para que todos pudessem participar e esclarecer as suas dúvidas.

No que se refere às capacidades transversais, o raciocínio matemático concede ao aluno a facilidade de se exprimir por escrito, comunicando os seus cálculos matemáticos, utilizando a comunicação matemática e facilitando o acesso a materiais como as TIC, uma vez que as expressões estão bem representadas.

Os fatores facilitadores destas aprendizagens têm a ver com as dinâmicas apresentadas e proporcionadas pelos materiais, onde os alunos podem estar em constante diálogo.

Gostei muito desta atividade, gosto de participar ativamente e de ajudar os alunos a fazerem percursos nas novas aprendizagens. Pude observar e aperceber-me das capacidades, não só a nível de estratégias utilizadas pelos alunos, como, também do potencial dos alunos compreendendo as operações necessárias, o cálculo mental e escrito bem como utilizar estes conhecimentos e capacidades para resolver problemas em contexto.

No que toca à gestão da aula, não senti problemas de maior, claro que os alunos a trabalharem em grupo aproveitam para terem conversas cruzadas, o que provoca mais barulho em sala de aula. No entanto não deixaram a tarefa por mãos alheias, fazendo questão de esgotar as suas possibilidades de raciocínio.

